

CAMINHOS LITERÁRIOS

ADEMIR PASCALE E ELENIR ALVES

CONTOS
E POEMAS

VOL. II



ORGANIZADORES

ADEMIR PASCALE E ELENIR ALVES

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-44780-3

2025

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- ECOS DE MINHAS BANDEIRAS, POR ADRIANA COSTA REIS, PÁG. 05
INTOCÁVEL, POR JAISON RODRIGUES, PÁG. 07
MACROCÓSMICO, POR JAISON RODRIGUES, PÁG. 11
JANELINHAS, POR BÁRBARA LEITE PEREIRA, PÁG. 14
O VIDEOCASSETE, POR CLAUDIO VENTURA, PÁG. 18
APÓCRIFO, POR DANILO PRADO, PÁG. 21
O LOBO UIVADOR, POR E. C. WOZNIAK, PÁG. 32
ESCREVO, POR FERNANDA PIMENTEL, PÁG. 36
MARTINI VIBRANTE, POR HÉLLEN DESIDÉRIO, PÁG. 40
FALAMOS SOBRE ISSO DEPOIS, POR JÚLIO MIRANDA FILHO, PÁG. 43
ENCONTRO, POR LARA VAZ TOSTES, PÁG. 48
FRENESI CIENTÍFICO, POR LARA VAZ TOSTES, PÁG. 51
POEMINHA DA ESPERANÇA, POR LUIZA PASSINI VAZ TOSTES, PÁG. 53
NOVO RUMO, POR LUIZA PASSINI VAZ TOSTES, PÁG. 55
CADÁVER AMBULANTE, POR NAH HAADHJA, PÁG. 57
VIVO, POR NAH HAADHJA, PÁG. 60
PÊNDULO, POR RAUL SCHAEFER FILHO, PÁG. 62
CHUMAÇOS DE ALGODÃO, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 64
ERA UMA VEZ, POR SELMA LUANNY, PÁG. 68
MUNDO ARTIFICIAL, POR SELMA LUANNY, PÁG. 70
SILÊNCIO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 72
APRENDIZ, POR SELMA LUANNY, PÁG. 74
AS AVENTURAS DE ISABEL, POR TATIANE DA SILVA PEREIRA VEIGA, PÁG. 76
PASSATEMPOS, POR VERA LÚCIA DE ATHAYDE, PÁG. 79
SINAIS DE CHUVA, POR VICTOR OTONI BARBOSA, PÁG. 82
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 87

CAMINHOS LITERÁRIOS

ADEMIR PASCALE E ELENIR ALVES

CONTOS
E POEMAS



VOL. II



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

ECOS DE MINHAS BANDEIRAS

Por Adriana Costa Reis



Adriana Costa Reis é Doutora em Psicologia Clínica, Psicanalista, Teóloga e Antologista. Com enorme gosto pela literatura, dedica-se à leitura e à escrita, sendo autora de diversos poemas, crônicas e contos publicados. Sua trajetória literária é marcada por sua expertise acadêmica, que se entrelaça harmoniosamente com a arte de escrever.

Abro o caderno e risco um começo,
Escrever é pisar sem saber do chão.
As frases nascem do que desconheço
E seguem a trilha da intuição.

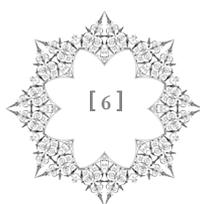
Cada palavra é passo no escuro,
Onde o silêncio me faz andar.
Rimo os versos em tom inseguro,
Mas eles carregam o poder de ficar.

Não sei se escrevo por ter certezas
Ou por temer o que há por trás.
A escrita afasta velhas tristezas,
Mas também nunca as deixa em paz.

Leio em silêncio o que não confesso,
Nos traços que a página soube dar.
O livro é um espelho, e eu o atravesso
Sem nunca deixar de voltar.

Autores me olham das prateleiras,
Como se dissessem: vem procurar
Os ecos de tuas próprias bandeiras,
Nas ideias que querem te despertar.

E sigo, sem mapa, entre tantas vozes,
No ato de sempre recomeçar.
Pois ler e escrever, nas horas atozes,
É um modo de me reinventar.





APRESENTAMOS O POEMA

Intocável

Por Jaison Rodrigues



Poeta amador nascido em Apiaí, interior de São Paulo.



Nesta divagação encontro você, meu sonho.
Sinto teu perfume me tirar dos pesadelos.
Como o cantar dos anjos tua voz ressoa,
Me levando rumo ao recanto perfeito.

Por um instante recebo a eternidade.
Sinto um pulsar incessante revigorar o meu coração,
Numa felicidade que nunca senti antes,
Uma emoção que me deixa em transe.

O aroma da manhã realça o teu esplendor.
Cada gota de orvalho brilha uma declaração,
E o amor escorre do meu peito...
Definindo uma nova emoção,
Algo infinitamente perfeito!

Palavras não se encaixam neste sentimento,
Pois, não existem palavras para descrevê-lo.
Sinto o amor e regozijo,
Assim divago, sonhando contigo...

Cada sorriso teu acende um novo prazer.
Sinto o gosto dos beijos que você me manda.
Fluindo como uma fonte de amor eterno,
Meu coração sangra por ti.
Nesta divagação ouço você dizer que me ama,
E pela eternidade viverei feliz!

Vejo o teu brilho expurgar a minha solidão,
Me levando ao paraíso com um olhar.
Que os ventos ociosos tragam mais divagações.
Só te sinto ao sonhar,

Quando acordo não ouço tua canção,
O teu cheiro não está a me embalsamar.

Do meu sonho perdura a tua perfeição,
Cada linha do teu rosto já memorizei,
Cada centímetro da tua perfeição!
Em poemas te eternizei,
E tua essência vive no meu coração.

Saber que nunca te terei me entristece,
Mas saber que não irei te ferir me alegra.
Por um instante percebo,
Sou afortunado por delirar com tua beleza.

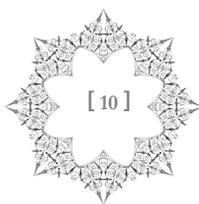
Provar teu gosto eu nunca irei,
Mas divago quando em ti penso.
Diversas vezes nos amamos,
Mais um déjà-vu do nosso casamento...
As vezes sonhar é tudo que se recebe!

Cada verso é sincero.
O sentimento é verdadeiro.
Te amarei até a Terra parar de girar.
Nos meus delírios te beijo,
Nos meus delírios você jura me amar.

O teu aroma dura até a manhã chegar.
Diversas vezes o sonho se dispersa,
Mas em fotos vejo teu sorriso.
E isso me faz continuar a sonhar.
Divagando entre a tua perfeição e meu desespero.
Sinto o teu doce hálito em meus delírios,
E me deleito com o teu quimérico beijo.

Cintila o mesmo sonho que sempre tenho.
Lentamente levanto o teu véu,
Após ouvir o mais doce 'eu aceito'.
A chama do amor traz um êxtase,
Uma eternidade de alegrias foi selada com um beijo,
O teu rosto sereno vai se corando lentamente...

Sonhar com tua beleza me alegra de uma forma inexplicável,
Mesmo quando o sonho é célere.
Mesmo que o teu corpo seja intocável,
Ainda sinto a delicadeza da tua pele,
É como ser amaldiçoado por uma benção,
Infelizmente não posso te tocar, porém, felizmente nunca irei quebrar teu coração.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Macrocósmico

Por Jaison Rodrigues

Poeta amador nascido em Apiaí, interior de São Paulo.



Talvez uma falha no macrocosmo,
Ou um devaneio existencial.
Procurando pela definição da vida.
Tentando entender o que sou e posso ser.
Esculpido na linha tênue entre início e fim,
A vida deixa questões que nem a morte pode responder.

Um ser oriundo do vazio,
Ou talvez a obra-prima de um Demiurgo.
Feito para triunfar dentre as estrelas,
Ou ser apenas um estigma no mundo.
Uma sombra da migração espiritual,
Talvez um fragmento do divino ou do infernal.

Sou uma simples passagem,
Quem sabe sou apenas uma miragem,
Procurando pelo sentido em respirar,
Respirando dúvidas sobre esta existência.
Não sou o nome que tenho,
Não sou o rosto que veem,
Não sou essa concha em formato humano,
Não sou o que vejo em mim...
O início deixa perguntas que serão respondidas no fim?

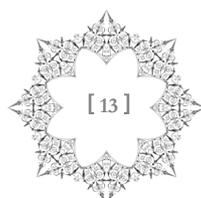
Quem explica as dúvidas?
Astros coexistem, mas pensamentos se extinguem.
O que mantém a chama interna acesa?
O que nos eleva para tocar as estrelas?
Como definir o incompreensível?
E se após o último suspiro recebermos um novo início...

Há mais na vida do que estes olhos podem ver,

Há mais em mim do que posso sentir.
Além da luz primordial,
Fora do alcance de Deus,
Diante do vazio abissal,
Existe um oceano sem fim,
Onde finito e infinito residem.

Talvez sejamos apenas meras sombras de nós mesmos,
Meros brinquedos do destino.
O que choca uma existência em outra?
O que cria o fulgor na alma dos escolhidos?
Se Deus é a resposta para tudo,
Por que somos abandonados neste túnel?
Seres complexos marchando em linha reta,
O que se recebe quando atingirmos enfim a meta?

A vida deixa perguntas que nem a morte responde,
A morte deixa marcas que nem a vida retifica.
Um ponto apagado no macrocosmo,
Uma falha na migração espiritual,
Um primogênito do barro,
Uma gota da sopa primordial...
Quem explica a existência senão nós mesmos?
Foi realmente Deus que nos deu a vida que temos?



The background is a vibrant blue sky with white, fluffy clouds. Several colorful butterflies are scattered across the scene: a light blue one near the top left, a pink one near the top center, a yellow one near the top right, a green one on the left side, and an orange one in the center. The bottom of the image shows a green, textured landscape with a path of wooden planks leading through rocks and flowers.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Janelinhas

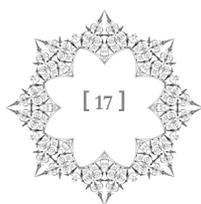
Por Bárbara Leite Pereira

Sou Bárbara com sobrenome Leite, o que me rendeu diversos apelidos na infância e para os que até hoje não saíram da quinta série. Minha mente combina um emaranhado de coisinhas que gosto de fazer, como: bordar, escrever, desenhar, dançar, pintar, literatura e ser mãe de um menininho muito especial chamado Nicolás, que me faz voltar várias vezes a ser criança mesmo já sendo adulta e isso é uma sensação única e maravilhosa. Para além disso, também sigo formalidades acadêmicas, onde sou doutora em Serviço Social e também trabalhadora. Escrever livremente me fascina, assim como todos os caminhos que me levam a tocar e sentir a fluidez da vida e da liberdade.

Sempre que olho os prédios e edifícios me pergunto
O que há dentro de tantas janelinhas?
Às vezes dentro de outra janela
Do ônibus
Do carro
Do trem
Ou
A pé
Me pergunto: O que há dentro de tantas janelinhas?
Tantas casas, tantos tetos, tantos tantos, tantos vazios
Escuras, amarelas ou brancas. Ali.
Pessoas cozinham, pessoas jantam.
Fizeram todas suas refeições?
Amaram, odiaram, cuidaram?
Dormem o plantão, descansam a folga que não puderam viajar
Ou viajam alguém dentro dela, já que o dono não está
Alugam um canto pra pisar
Parcelam em trinta anos um pedaço de chão pra morar
Investem em várias janelinhas, enquanto muitos não tem uma fresta por onde olhar
E as plantas, que faltas fazem, que bom seria ter terra junto
Aventuram-se em hortas suspensas,
Em pedacinhos de clorofilas que purificam
Ah, esse ar urbano de tantas janelinhas
De pulmões cinzas e alergias nasais
O que tem dentro de tantas janelinhas?
Tem gozo escorrendo, água lavando, tem cheiro
Tem sono profundo, prostração profana do mundo
Tem preguiça, café, cafeína, estímulo, pausas
Tem amor, tem saudade, tem agonia
Tem sabor de whey protein, de mostarda, de batata-frita
Tem academia, compulsões, equilíbrios ansiosos
Tem gente incomodada com o mundo
Que quer mudar o mundo, luta pelo mundo

Que tá incomodada, mas não sabe o que fazer
Que se conforma no sofá ou na TV
Que deixa tanto tempo em outras janelinhas que não tem tempo de curtir o seu apê
Há quem se sinta segura
Quem se sinta em perigo
Com medo
Sem medo
Filhos, mães, avós, primos, amigos, famílias, tantas famílias
Casais homos, casais héteros, solitudes, gatos, cachorros, famílias, tantas famílias
Sonhos, pesadelos
Abraços, nós atados, desatados, aconchego
Com dinheiro, sem dinheiro
Endividados, na conta da régua
Estudo, trabalho, nem um, nem outro
Que universo é esse de desemprego pra tantos
Que mundo seria esse se todo mundo tivesse uma janelinha
Pra viver
Pra chegar
Pra se alimentar
Pra dormir
Pra ter coberta
Ter afeto
Ter arte
Ter tempo
Nesse tempo que vivo, sempre me pergunto
O que há também do lado de fora dessas janelinhas?
Prendem-se
Imobilizam-me
Amarram-se
Acorrentam-me
Afogam-se
Sufocam-me
Câmeras, vigilância

Perturbação
Corrupção
Poder
Tanto há
Que desanimador é viver entre tantas janelinhas sem lutar
Tic-tac acende e apaga o interruptor
Como um relógio do tempo
Que é urgente
Se levanta
Acende
Apaga
Pra deixar pulsar
Pra deixar sair
A escolha que pisa no chão
Se constrói com muitas mãos
Levante sua bandeira da dor ou do amor, o que for
Da liberdade, do tempo livre, da coragem e do afeto
Por que não?
Construir pra não se destruir, pra não nos destruímos, que calor
Apagadas luzes
Energias que acendem
Todos os dias
Em todas as janelinhas
É dia de labuta, é dia de luta
Tic-tac
Acende-apaga
Há resistência
Há braços
Esperam as esperanças
No tempo
Dentro e fora
Das tantas janelinhas



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O videocassete

Por Claudio Ventura

Claudio cresceu como fã de filmes e séries, em especial ficção-científica, fantasia e horror. Aos 10 anos, começou a escrever pequenos contos e relatos. Na adolescência, expandiu seus contos, os deixando mais complexos. Aos 25 anos parou de escrever, e seguiu carreira profissional em empresas multinacionais. Aos 53 anos decidiu retomar a escrever, incluindo resenhas, crônicas e contos. Agora aos 55, decidiu publicar sua obra.

O ano era 1979. Eu tinha 10 anos, morávamos numa casa de bairro, numa rua pequena, praticamente deserta, onde o movimento de carros e pedestres era basicamente de quem morava na própria rua.

Nossos vizinhos do lado esquerdo eram um casal de médicos com dois filhos. A casa deles era basicamente o dobro da nossa em tamanho, tanto que atravessava a quadra, tendo a entrada principal por essa rua pequena onde morávamos e uma saída de garagem pela rua de trás, essa sim uma grande avenida da cidade.

Certa noite chuvosa, os dois filhos dos vizinhos nos chamaram, eu e meu irmão, para irmos até sua casa. Seus pais haviam saído para uma festa e eles estavam sozinhos. Me recordo de somente algumas áreas e cômodos da casa, como a cozinha e a garagem, mas um cômodo que nunca vou me esquecer é o quarto de TV.

O quarto de TV ficava no andar de baixo da casa e não possuía janela, provavelmente tinha sido convertido de um armário ou algo semelhante. Além da TV, obviamente, os nossos vizinhos queriam mostrar a nova aquisição de seus pais em uma viagem internacional recente aos EUA: um vídeocassete.

Eu nunca tinha visto um aparelho daquele pessoalmente, mas já tinha conhecimento da sua utilidade, e como um jovem amante do cinema, com certeza adoraria que nossos pais comprassem um. Mas não seria assim tão logo.

Estávamos os 4 ali no quarto de TV, com um vídeocassete zerinho, numa noite chuvosa. Só faltava um filme para assistir...

As fitas VHS compatíveis com os videocassetes, também eram importadas dos EUA, com filmes em áudio original e não possuíam legendas nem em inglês, quanto mais em português!

Não tenho a menor ideia (ou talvez tenha tido a memória bloqueada) de quem teve a ideia de escolher o filme: "O Exorcista"

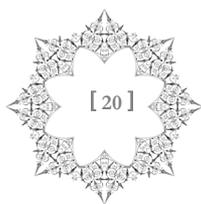
Tenho arrepios até hoje quando ouço falar desse filme. Sei que é um filme excelente, um clássico, mas eu com meus 10 anos, meu irmão com 7, e os vizinhos com 10 e 6 anos, assistindo "O Exorcista" em inglês, sem legenda, sozinhos, numa noite

chuvosa, numa rua deserta... nem sei como descrever o pavor que senti. Nem lembro em que parte paramos de assistir o filme, só sei que saímos apavorados de volta para nossa casa.

Até hoje não consegui assistir “O Exorcista” até o final. Obviamente sei como o filme termina, mas a experiência foi tão impactante que nem quero saber de assistir o filme por completo.

Tenho o costume de contar essa história para outras pessoas, e uma ex-colega me presenteou com um DVD de “O Exorcista”.

Atualmente o filme está numa prateleira junto com outros filmes que amo, lacrado na caixa até hoje. E vai continuar assim...



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Apócrifo

Por Danilo Prado

Danilo Prado é professor de Língua Portuguesa, apaixonado pela educação e pela militância política. Encanta-se com a arte da escrita e acredita no poder transformador das palavras. Pai dedicado, encontra na filha, Sofia, a cor e a inspiração de sua vida, unindo amor, conhecimento e compromisso social.

Vosmecê, Dr. Euclides, que é homem de cidade, não se aperreie com nosso desgosto dos pensamento da capital. Aqui, a violência da vida se aspera no lombo do cabra. Faz ficar bruto, cega o pensar. Não que de forma nenhuma me conste justificar o proceder de Dom Silvério da Prata. De minha raça, preto forreado, o Senhor sabe, muito se acusa de falta de verdade. A presteza do meu contar que o diga.

Dom Silvério é italiano de nascença, homem dado ao respeito, temente a Deus. Bom pai, bom marido. Cedeu minha alforria e de mais uns dez pretos, no dia de nossa aquisição. Umas das últimas desse tipo, há de se dizer. Propôs contrato e pagamento. Cobrou lealdade pra mode desbravar terras de cima. Consentimo e subimo pro Norte. Mas homem livre, há de saber, aos poucos se foram. Outros vieram. Fiquei eu. Ir pra onde?

No dia de nosso primeiro contato veio de par com a esposa, Dona Florência, índia legítima, buchuda do menino Zezinho. Segurava a barra da calça do pai, a menina Tidinha, franzina, de cabelo preto escorrido e pele cor de casca de jatobá.

A mim me custa clarear ao Senhor o tipo de contato que criemos eu e ele. Patrão? Sócio? Amigo? Não sei lhe dizer. Consta que eu mais ele, as mulher e os menino, cercamo mato fechado. Abrimo picada de facão. Plantemo, colhemo, perdemo safra por mode da seca. Assim se foi ano e mais ano. Naquele tempo, ainda mais que hoje, preto não tinha voz. Dom Silvério falava por nós. Nunca nego a parte devida nas produção. Não que fosse homem de fraqueza, longe disso. Empregado que principiava faltar com a retidão o homem ralhava. Violento até.

Mas aí, o Senhor sabe, apareceu o Santo que puxava o povo pra si e os vento mudaram. Há de se dizer, Seu Euclides, da boca de Dom Silvério nunca se ouviu maldizer pra cima de Santo Antônio dos Conselho. Me consta ainda que certa feita Dom Silvério pediu audiência com o homem e foi prontamente atendido, ficando por lá um par de horas. Do teor dessa prosa é que nada se soube. Não vou lhe dizer que da parte de Dom Silvério vinha uma admiração pelo Santo, mas que havia ali um respeito, isso sim.

De muita serventia foi pra nós, Seu Euclides, o aparecimento de Canudos. Fizemo negócio de tudo quanto foi jeito. Só da produção de leite ia quase tudo pra lá. Foi tempo bom. A água vinha do céu no tempo certo. O povo, o senhor sabe, creditava isso a presença do homem santo.

Até que veio a guerra.

Não se sabe ao certo, e a mim não me consta, vosmecê perdoa a ignorância, os motivo da subida da primeira leva de soldado. Nós aqui do fundo do mato nunca que havia visto tamanho pelotão. Cem homens. Derrota certa. Mas até aquela hora, não se sabia a força do homem Santo. Aquele povo lutava pra não morrer. Venceram.

Nos arredor ficava o medo do por vir. Gente armada por em volta de tudo, fazendo vigilância. Porta trancada de noite. Os cachorro de alerta. Mas quando se tem vida pra tocar, se toca a vida. Era virada de ano.

Dona Florência e a menina Tidência, que naquela ocasião contava com treze pra quatorze anos, tinham caminho certo pela manhã. Buscar água de balde pras necessidade do dia. Na época de água, o Riacho do Umburano se enchia e era pra lá que iam. Água fresca, boa de beber. O triste era a subida do barranco, lata d'água na cabeça. Mulher forte, acostumada com lida. A filha, Tidência, pequena por natureza, também levava sua carga.

O Homenzinho de Monte Santo vinha na frente da segunda tropa, não tinha nome nem pelugem na cara. Mas tinha no olho a raiva sem motivo de quem vem de longe. As patrulha, nos arredor do acampamento, percorria léguas e léguas. Iam de dupla, mosquete em punho. Se fosse de média patente ia a cavalo. O soldado homenzinho não.

De nossa parte já vinham de pensamento feito. Gente de classe baixa, pareado com bicho, desconfiava se nós tinha alma. Se nós tivesse, não havia de ter alinhamento com santo Deus.

Barulheira da água nos pé de Tidência. Brincava a criança. A mãe ralhava, mas abrandava o coração. Sabia do destino duro da filhinha. Lidar com a terra seca desde cedo. Dali a pouco arranja marido. Sendo trabalhadô e não dado a brutalidade já agradecia a Deus.

Espreitou por entre as folhagens. Do companheiro de farda tinha se apartado. Gente feito bicho, sem alma, devia de pensa. Da mãe livrou-se com golpe de coronha, por traição, feito bicho caçado. De Tidência o soldado puxava vestido e cabelo como crina de cavalo do mato. Daí adiante o senhor sabe. Tem momento que Deus se ausenta e o cramunhão toma conta. A vida tem seus mistério, Seu Euclides. Dom Silvério podia ter chegado um quarto hora antes.

Não chegou.

Longe da carabina, foi deitado com golpe simples de braço. Me ocupei de Dona Florência. Dom Silvério, de Tíndia. Banhada em sangue nas partes. A menina teve pescoço estrangulado. brigava por respirar. Findou-se de dor nos braços do pai.

O Senhor perdoa, Seu Euclides, a ligeireza do relato desse fato. A mim me custa lembra. Mas, melhor dizendo, me custa esquecer e não há de ser esquecido. A dureza desse dia por vez explique, de um jeito torto, o proceder de meu companheiro e também minha paralisia.

Dom Silvério viveu sempre de poucas palavras. Daquele dia por diante suas palavras findaram. Vosmecê sabe, Doutor Euclides, tem dor no corpo da gente que não cabe em palavra. Não havia precisão de dizer mais nada.

Sim, sim teve velório e enterro. Tudo muito bonito há de se contar. Naquele tempo, ainda mais que hoje, a morte era visita frequente. Arranjaram caixão branco pra Tíndia, Flor-de-mortália e velame.

As tropa do tal do Major Febrônio já se punha na fazenda do Tabuleirinho. Os companheiros de volante, é bom que se diga, não vieram reclamar o corpo do homenzinho soldado. Inté mesmo o povo de farda se indignou com fato, deixaram pra lá. Que tomasse sua sina. Havia muito que se ocupa com os homens de Conselheiro, como se viu de fato dias depois.

Vida por vida, morte por morte. Era a lei. Ninguém se espantava. Dom Silvério da Prata tocou a vida. Ainda tinha a mulher e filho pra cuida. Dona Florência coitada, corroída pelo banzo, ficou tonta da cabeça.

Mas é preciso que se saiba, Doutor Euclides, nem de tudo foi igual nas rotinas de Dom Silvério. De manhã bem cedo, antes da lida, o homem sumia por mais de hora. Se pensava que embrenhava no mato, atrás de caça, esfria a cabeça. Mas nunca que aparecia com bicho. Não ia pra longe, ficava bem por ali, no barracão de tapera, usado pra estoque da safra no tempo de colheita.

Lá, era que se guarda o intento desse caso.

Me intei da presença do homenzinho no quarto dia. Dom Silvério, é bom que se diga, não me fez convite. Mas é certo que também não me impediu de lhe acompanha no seu intento. De mim, não recebeu surpresa nem protesto. Não me propôs ordem ou pedido de segredo. Passei a acompanha suas ação nos dias que se seguiu. Sem troca de palavras, assim fiquemos, no silêncio.

Braço e perna esticado por corda de sisal, despido com a cabeça pra baixo, o homenzinho soldado rezava sussurrado.

*“Santa Cruz, livrai-me dos inimigos visíveis e invisíveis.
Que o sagrado manto de Maria me cubra,
Que o Senhor me guarde e os anjos me acompanhem.
Em nome de Deus Pai, que assim seja.”*

Não deve de te pronunciado palavra que não fosse reza nos três primeiros dias. A cada visita de Dom Silvério esperava o fio quente da navalha que não vinha. Do pai de Tidinha, só silêncio e a checagem nos nó das corda de sisal.

— O que espera, feiticeiro do demônio?

Silêncio e mais silêncio.

O homenzinho principiou gritar. Grito surdo, sem força, abafado pelo cansaço e pela sede. Nesse dia recebeu mingau de farinha, tuchado na boca com violência. Soltou-se os nós das perna. Permaneceu assim, de braço aberto, feito um Cristo criminoso.

Sentado de frente ao homenzinho, Dom Silvério pôs-se a afiar estaca. Grande, pra mais de 5 metros. Se demorava nesse serviço. Fazia e refazia a ponta. Olho no soldado, olho no facão. O soldado havia de saber o que era aquele tronco de angico. Já naqueles dia, se dizia que os homem do Santo Conselheiro ladeava a estrada de Canudos com estaca e cabeça de soldado na ponta. O senhor, que é homem que sabe faze as perguntas pro povo, há de confirma essas conversa.

Do soldado só se ouvia o bufar e um arremedo de reza. Empalado como seus companheiro de farda. Era destino certo, devia de pensa. Mas o fio quente da navalha não vinha.

Eu mesmo, Seu Euclides, ficava na espera do golpe final.

— Como vai ser, feiticeiro? Tiro seco na nuca? Navalha no pescoço? Se é que tem alma de gente, há de ser hoje.

Estaca pronta, repousada na parede de tapera. Dom Silvério se ausentou por um instante e, no regresso, surgiu com a porca. Bicho imenso, dez arroba.

Abriu buraco pra fogueira. Assim que acessa de fogo alto, cobriu de areia na busca por brasa. Tuchou erva de mato desconhecida. Cheiro de queima no ar.

Montou na porca feito mula do mato. Socou toceira de erva fumegante na fuça. No meio de coice e grito rasgado, esmoreceu. Deitou-se amortecida.

Habilidoso no laço, o homem atou as pata dianteira do bicho em cada ponta da corda prendendo na roldana por riba do soldado. Puxou com firmeza. Por instinto, lhe a ajudei nesse proceder. Movimento constante que levantou o bicho vindo a abraçar o soldado feito afeto de mulher.

De primeira vez o homenzinho se debateu, enjoado pelo futum do bicho. Com pouca força, a resistência foi sem valor. Se amarro as patas traseiras da porca nos tornozelo do prisioneiro. Prendeu cintura com cintura, do bicho e do homem, por fita de couro. Virava o rosto de tempo em tempo, em fuga da baba da porca, ainda zozza pelas ervas. Mas logo o efeito passou. E o que vi ali, Seu Euclides, era de gerar angustia em qualquer infeliz de Deus.

A porca, com as forças recuperada, estribuchava no intento de se livrar das amarras. Levava junto o homenzinho. As cordas se esticava. Dom Silvério olhava sem menção no rosto, nada. Se se alegrava de vingança, não se sabe. A dança durou pra mais de hora. Destencionada as corda do braço, o soldado deitou-se com a porca por cima. Exaurida da luta, o bicho defecava e urinava. O ar de carniça se enchia no barracão.

— Demônio, demônio! Repetia em sussurro o homenzinho.

Dom Silvério, de um súbito, desembainhou a faca peixeira.

Um lampejo de misericórdia deve de te se alumiado no pensar do prisioneiro. Se alumio no meu. A vingança tava dada. Era ponto certo. Entregava a alma a Deus que se ocuparia de seu destino. Mas não.

Em pé, em riba da cabeceira do soldado, Dom Silvério suspendeu o pescoço da porca com o braço esquerdo e com o direito posicionou a peixeira no ventre baixo do bicho. Puxou num corte seco e profundo que veio até a garganta. Grito surdo do bicho que se debatia em luta contra morte.

Víscera, entranha, órgão e um sem fim de sangue banhava o soldado.

Dom Silvério, embainho a peixeira e saiu pela porteira do barracão, ficando eu ali mais um instante. Se lhe contasse, Dr. Euclides, que tive pena do sujeito, isso ia se relato mentiroso. Sai pela porteira trancando de cadeado.

Antes do desponta do sol, no quinto dia, o homenzinho pediu suplício.

— Meu senhor, rogo pelo nome do santo Deus que me permita ainda falar, não clamo o perdão, sei que não tenho. Rogo pela misericórdia de vossa senhoria. Procedi como o demônio que vaga pela terra. Agredi por ação de covardia vossa esposa, violei tua

filha, matei. Entrego em tua mão minha alma. Até o último dos homens há de merecer um fim.

Sem necessidade de ordem retirei a carcaça da porca. Dom Silvério sentou em um cepo de madeira se pondo de frente ao o homenzinho. Afiava com pedra sabão a foice de capina. Das feições do homem nada vinha.

Findado a amolação da foice, Dom Silvério puxou da carga encomenda vinda da cidade no dia passado. Corrente de aço, brilhosa, pesada que só. Atou no tornozelo do soldado prendendo por cadeado. Da mesma bagagem saiu saco de 50 kg de farelo de milho, cumbuca, moringa. Despôs em tocos no fundo do barracão. A cada peça da carga disposta, o homenzinho prostrava. Balbucio choro, mas não falou.

Naquela tarde o sol de me Deus brilhou forte por demais. Nós aqui, Seu Euclides, acostumado com a quentura da terra, quase que não reclama. Mas de um lumiar de mim pensei no infeliz. Terá perecido da sede? Com a luz do dia findando, me dirigi pro barracão.

— A senhora, minha mainha, cuida pra que Afonsinho pegue em escola, não permita que se fique andando perdido no mundo. Não, não, não! Não deixe que se embrenhe nas forças de exército nem polícia, que essa vida não presta. Não me traga painho aqui não mainha, não me faça isso, que aqui tenho vergonha. A senhora me perdoa das maldade do meu coração. Nossa senhora do Rosário há de me cuidar. A senhora perdoa eu mainha, perdoa eu...

Fiquei de espreita na porta por mais de um quarto de hora. Entrei. Não fez menção de susto, não me abordou de início, mas me seguiu com os olho. De minha parte, não quis olhar o homenzinho de frente. Enchi moringa d'água do barril e mãozada de farelo na cumbuca. Despus no pé do soldado.

— Escravo, clama a teu dono que cumpra meu destino de vez. Se é que tens alma, interceda por mim.

De intuição, Seu Euclides, segui o proceder de Dom Silvério e não proferi palavras. Se perguntasse a mim naquela hora o que meu pensamento dizia das ação futura, não sabia dizer, nem por pressentimento.

Na sequência de três dias a porteira do barracão não se abriu. De lá não se ouviu grito, choro ou lamentação. Só silêncio. Ao cabo desse tempo, Dom Silvério me chamo com os olhos. Os anseio de mim era que o destino da vida tinha feito sua parte e levado o

infeliz. E assim não foi. Em meio as feze e mijo, Vosmecê perdoa os palavreado, o homenzinho jazia desacordado.

De novo no cepo, Dom Silvério afiava a enxada de arado. No tilintá da pedra no aço duro, o infeliz desperto. O senhor sabe, Doutor Euclides, que o não falar, o silêncio de nós três naquele lugar no fundo mundo, já parecia fato dado. Ninguém de nós ansiava por palavra. Por isso quando a fala vinha, o barulho delas é que parecia fora de lugar. E assim foi a única prosa dada pelo homenzinho depois que Dom Silvério teve o seguinte proceder. No caibro central do barracão, esticou corda com laço fechado e posiciono banqueta a meia altura.

— É assim que pretende pôr fim a esse intento, fanático do beato? Não te põe coragem pra findar o algoz de tua gente? Tens o saber da covardia de teu ato? Pois saibas que daqui não me mexo. Meu sangue há de sujar tuas mãos.

A mim, Seu Euclides, me pareceu um bom fim. O tormento eterno invocado nas força do próprio sujeito. Mesmo a resistência sendo declarada naqueles termo, não me parecia que ia durar por demais. Dom Silvério partiu pra lida, quase que desconhecendo as fala do sujeito. Eu fiquei.

— Ficas pra se certificar de meu fim, escravo? Na crença dos pretos meu lugar está dado? Há perdão e misericórdia pra meus atos?

Me tentava a apresenta resposta, Seu Euclides, é bom que se diga, mas não. Aquele homenzinho tinha o destino feito por Dom Silvério, não por mim.

Não sei lhe dizer se por mode do calor e dos delírio do homenzinho. No tempo que ali fiquei, ele gesticulo, sussurro, grunhiu feito bicho, defeco pelas perna, rezo. Não comeu, não bebeu. De um súbito, levanto com dificuldade, se arrastando. No meu pensar, Seu Euclides, talvez ali, e só ali, me veio ponta de pesar pelo sujeito. Se ainda era fio de Deus, não sei lhe dizer. Nós aqui, nessas terra sabemo bem o peso da fome e da sede, mas não daquela forma, longe disso. A maneira como há de afeta o sujeito é mistério de quem se finda assim. Que Deus me guarde e me livre de tal sina.

De pensar hoje, distante do fato dado, intuo que sim, sim, foi de caso pensado, mas só de intuição mesmo, nada certo. No caminhar do infeliz vi a decisão tomada. Acabava ali aquela punição. Mas a corrente, Seu Euclides, de aço novo que brilhava, se esticou e seguro o cabra a um palmo de alcança o laço de força. O homenzinho luto, puxo por meio de tranco, me olho com os olho na súplica de ajuda.

Lanço grito, maldição pelo ar, choro feito criança.

Sei que pode lhe causa angustia nesse relato, seu Euclides, minha paralisia. A mim me gera também esse mal pesar. Mas ali, nos meio do acontecer, não tive força de ação. No meu pensar, o infeliz ia perece sempre na hora seguinte. Mas não percia. Permaneceu assim na sequência daqueles dia.

Aí o Senhor sabe, veio o conflito da fazenda do Tabuleirinho. Muito que se preocupamo trancando porta e janela. Eu inté, confesso ao Senhor, que por breve momentos esquecia do sujeito no barracão. Nós que é daqui, pressentia o momento de guerra, a soldadesca não. Era certo, Seu Euclides, e isso nunca que foi segredo, os homem da capital sempre que duvidava da força do sertão. Nova derrota. Se ouvimo tiro do conflito inté daqui, léguas de distância. O retirar do tal Major Febrônio. Era certo que a guerra estava no seu principiar, como de fato assim foi.

O beato, vestido de preto por inteiro, chego na fazenda no findar do dia. Por certo vindo a pedido de Dom Silvério. Janto em nossa companhia, por de baixo do Angico mesmo, com a peãozada. Boa figura, o beato, boa figura, novo de feição. Abençoo uns preto da fazenda e as crianças que ficava em volta. Dedicô tempo a Dona Florência, coitada, que teve lampejo de pensamento claro, mas durou pouco. De dá dó, Seu Euclides, de dá dó.

Questionou nossas angústia da guerra em curso e das guerra do por vir. Quis saber nosso pensamento da figura de Santo Antônio dos Conselho.

— Se apegue com nossa Senhora do Rosário, meu povo. Nossa mainha de Deus não nos falta.

Padre Bento, essa era a vossa graça, era beato de Padim Ciço, como se falava mais pro Norte. Naquele tempo, lá no fundo do nosso mato, não se sabia bem da santidade de Padim Ciço, como se sabe hoje.

Mas o fato dado, Seu Euclides, se deu no amanhecer. As razão da presença do beato em nossa terra, não era de reza e bênção pro povo esquecido do mato. A ação do padre era a tal da extrema unção.

Como já lhe afirmei, Seu Euclides, as morte e as doença que precede o fim, nunca que assusta nosso povo. Não que nossa gente vive de coração duro, longe disso. É que aqui o viver e o morrer anda junto no pensamento da gente. Se o menino não pega no mamar da mãe, não aceita mingau e se vai sem motivo, é porque Deus assim quis. As tristeza de quem de fica, em especial das mãezinha, tem lugar guardado lá fundo do pensar. Vosmecê sabe, Seu Euclides, aqui enquanto se tem vida, se toca a vida.

Digo isso pois me parece justo esclarecer ao Senhor a ausência de espanto de Padre Bento quando da visita no barracão no despontar do dia. Quando um fato se dá de maneira perene, não há precisão de esclarecimento. Um empregado da família, um desgarrado, um desatinado da cabeça. Deve de te sido assim, os pensamento do beato.

— Podes me ouvir, filho? Venho de longe trazer-lhe o conforto da Mãe de Cristo.

Ar pesado. Pelo miasma e pelo silêncio, pelo forma do olhar do homenzinho. O laço de força ainda no caibro, o que teria vindo no pensar de Padre Bento? Não sei dizer.

Entrelaçô os braço no pescoço do padre, aconchego a cabeça no ombro. Choro feito menino de colo. O padre deu-lhe água fresca do cantil. Rezou em latim. Dom Silvério retirou chapéu por respeito. No final da reza dada, eu, Dom Silvério e o homenzinho; sussuramo o “amém” como dita num mesmo som, numa mesma palavra.

— Coloca tua alma nas mãos de nosso Cristo, meu filho. Só ele há de indicar teu caminho e perdoar tuas faltas.

— Eu pequei, painho. Eu pequei...

— Vá com nosso pai, meu filho

No ouvir dizer do povo, havia de ter soldado fugido pros meio de nosso mato. Era perigo andar solto pelas pastagem naquele tempo. Milico perdido da tropa não reage certo no pensar. Puxa faca no ar, atira de baioneta no susto. Ainda assim, Seu Euclides, Umas boa dezena de gente fico pra missa do Padre Bento no pé do jazigo de Tidinha. Reza e cântico bonito, há de se dizer.

— Deus lhe abençoe, meu filho

Sinal de cruz na testa de Dom Silvério.

Coube a mim arrear montaria e prepara mantimento pra viagem de volta do padre.

— Aquieta teu pensar, meu filho, que Deus sabe de tuas fraquezas e de tua força. Há de te amparar em tuas angústias.

Beije-lhe as mão antes de sua partida.

Não sei se lhe tem presteza, Seu Euclides, o meu julgar dos fato que aqui ponho em relato. Mas o certo é que muito do que digo aqui, não lhe posso demonstrar juízo. Porque na simplicidade do meu pensar, não me coube compreensão dos atos que testemunhei. O senhor, que é homem de cidade, acostumado com as palavra, há de perdoa minha ignorância no explicar desses evento. Assim foi mais uma passagem com o homenzinho, dessa vez em noite alta.

Por meio de gesto, compreendi que Dom Silvério pedia cavalo arriado na frente do barracão. Assim o fiz. No entrar pela porteira, a cena me embaralho o pensamento.

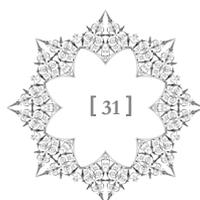
O homenzinho de pé sem corrente ou cadeado. Sua farda, lavada e engomada jazia no caixote no seu lado. Sua bota, limpa e brilhosa de escova, permanecia ao pé de sua baioneta, recuperada e carregada. Dom Silvério posicionou o cavalo, abastecido com alforje de mantimento, na saída do barracão. Com o olho me indicou um toco pra sentar. Ficou ali, sem expressão no rosto, batendo pedra no facão de mato.

Não sei se já lhe ocorreu pelos pensamento, o que que faz um homem viver na verdade de seu querer. Não me entenda mal, Seu Euclides, o meu povo sabe bem diferenciá o liberto do cativo. Isso não é matéria pra se duvidá. Eu nasci assim, posso lhe relata bem essa diferença. Mas no correr de nosso existir a gente se depara com os fato dado da vida e segue sem pôr o raciocínio se nosso agir sempre se alinha com nosso querer. Eu, por vezes, me pego pensando que não. De nenhum homem dessa terra. Eu, Dom Silvério, o homenzinho, inté mesmo o Senhor, que escuta esse relato. Sei do limite do meu pensar, Seu Euclides, mas como homem vivo, me ponho na angústia quando não encontro explicação certa nos mistério da vida.

O homenzinho, de um súbito, entrelaçou corrente e cadeado no tornozelo prendendo com força. Se ajunto na palha seca e parece que dormiu.

Muito se falava nos avanço da grande tropa. Como se viu de fato. As morte destinada não só para sertanejo da luta, mas como aqueles que lhe deram contribuição. Era preciso partir. Nas sequências dos dias, arrumemos troxa, arreamo carroça e descemo pro Sul, meio que sem caminho certo. Antes disso, deixemos toda a produção da fazenda nas mão dos homem dos Santo Conselheiro. O homenzinho lá ficou em seu lugar. Tenho pra mim que a morte lhe tenha levado um tempinho depois de nossa partida. Mas isso é pensamento meu. Um ano inteiro andando num sem rumo pelas terras de baixo. Dom Silvério nos dava guia em seu profundo silêncio. No retorno, depois da luta em massacre, o que se viu foi só cinza. A sede, o barracão, as plantação.

Só lhe afirmo que comprovação desse relato de Dom Silvério o senhor não terá. O silêncio se fez dentro dele no permanente. Se acaso o Senhor quiser, Seu Euclides, conhecer o homem, ele ainda anda por esses matos. Quando se tem vida pra tocar, Seu Euclides, a gente toca a vida. Eu que lhe agradeço, Seu Euclides, vá com Deus, vá com Deus...





APRESENTAMOS O CONTO

O lobo uivador

Por E. C. Wozniak



Nasci em São Paulo e me criei no Paraná. Morei uns tempos em Guarulhos, onde vi o sol nascer quadrado. Sou formado em Letras, Publicidade e Propaganda, e História. Amo a vida, amo viajar, e creio que vim para este mundo para acrescentar mais do que para perder.

Cai a noite no vale, e, com a escuridão que se assoma, ecoam os uivos que entram ouvidos adentro, e assim perduram por toda a noite. Só começar a escurecer, ressoam sobre os horizontes cinzentos os uivos de um lobo uivador!... Recolhidos, pressentem os hóspedes que algo não está bem, mas, todos cansados, e, nada se podendo fazer, dão de ombros. Desde que feitas as necessárias mudanças operacionais, todas as noites até altas horas é essa uivação de lobo e, algo fora do comum, como nunca se ouviu antes... Mas, como se acostuma com tudo, todos acabaram acrescentando este detalhe pitoresco em suas vidas. Nasce outro dia, como tantos iguais. O sol já ferve às seis horas da manhã. Tristão a pigarrear na janela, permanentemente aberta pelo calor, mais nervosamente do que nunca. Sempre aquele olhar no horizonte esfumaçado, aquela fisionomia aflita e o vislumbrar cravado onde canavial e céu se encontram no cinza, a perder-se de vista.

Noutro cômodo, D. Glórinha avia o café na venda, que os empregados não tardam:

"Pão, D. Glorinha?"

"O padeiro não trouxe."

"Com leite, Dona."

"O leiteiro não passou."

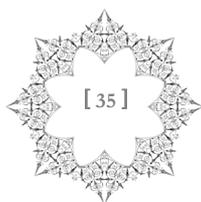
"Biscoito, broa, nada, Dona?"

"Nada não, Senhor."

Tem-se uma impressão de precariedade e abandono, no lugar. Mas, enquanto cada qual deles sorvem o líquido preto e forte, como a última injeção de ânimo até o meio-dia, como dona de casa, senhora, e rainha destas paragens, D. Glorinha apressa-se com sua tontura de sono, de um lado para outro, atazanada com o almoço a preparar, todos os dias e ali mesmo servido. Tristão, do outro lado, para fora da porta da casa, vislumbra o horizonte. Seus olhos remetidos na linha sem fim a sumir na fumaça. Seu peito soluça um choro de lágrimas secas, a recordar todo sentido, da façanha do último mandatário, que aplainou essas terras, tapando com os verdejantes morros, todos os profundos e não menos verdejantes vales, de onde jorravam abundantes águas cristalinas... E Tristão põe-se a chorar, e a lamuriar-se: "Ai, eu quero ter terço para não me ver encarregado nestas plantações de cana!... Ai, eu quero ter terço para não enxergar direito o torto em tudo!..."

Ai, eu quero terçol na vista, para me isolar e não participar dos comentários de que o inestimável, Sr. Administrador, ainda hoje é por demais aplaudido pelas aglomerações!... Ai, que eu tenha o terçol para me afastar dos comentários de que tal personalidade é o Senhor de não sei quantos títulos honoríficos internacionais pelos excelentes serviços prestados à nossa comunidade!... Ai, eu quero ter terçol para vender as vistas e não enxergar as contas de somar dos altos lucros sobre esta miserável população!!!...” A Tristão, num último arrebatamento de desespero, sobreveio o lampejo dos loucos!!!... E viu-se escravo preso nos grilhões das circunstâncias!!!... Descobriu-se encurradado na cumplicidade dos brutos!!!... Escondeu o rosto com as duas mãos e chorou um choro que jorrou dele como uma bomba explosiva, e, de repente, revirando a cabeça, revisita com a mente todo o seu passado, vendo-se como o menino que, com os dias, não só ia construindo a sua vida, como também passava a ter que transgredir falhas impostas, previsíveis e imprevisíveis, dos que passaram por sua vida, enquanto se desenvolvia como gente... Com o tempo, o uivo do lobo não foi mais ouvido à noite. Com toda esta seca e ares de fumaça, seu refúgio verde foi se acabando, e dele foi encontrado somente o esqueleto, um dia desses, no chão cinza e poerento, próximo ao último morro: “Deve ter morrido por inanição”, comentavam entre si. Certo dia, os trabalhadores das plantações começavam a chegar para o almoço e D. Glorinha, sempre apressada, aprontava os últimos preparativos para a melhor hora do dia, a de que todos mais gostavam, a do almoço. Entre uma tosse e outra, todos chegavam com os olhos avermelhados, mas vesgos pelo cheiro da comida caseira que inebriava de longe!!!... O sol fervilhava seus raios impiedosos sobre o meio-dia quente daquele dia comum!!!... Quando os dois ponteiros do relógio sobrepuseram-se exatamente no doze de todos os relógios, eis que se ouve o uivado de um lobo... O deleite da degustação do alimento, associado aos uivos, remeteu a todos a um sentimento de saudades da mata por cima do último morro verdejante... Algo como nos tempos que ainda havia mato por aquelas paragens... Tempos que não voltam mais... E, de uma forma, ou de outra, todos sentiam falta do paraíso perdido, sendo o uivo do lobo mero detalhe, que agora dá saudade... Uma espécie de desejo de retorno ao útero materno!... Mais a tarde, sobreveio a notícia: Vieram os empreendedores das plantações avisar D. Glorinha que seu marido, o Sr. Tristão, em vez de cumprir o seu dever e administrar a fazenda, ficava em desvario, como ensandecido, no topo do resto daquela mata ressecada, no único e último morro existente na região, a uivar

desesperadamente, como se lobo do mato fosse, com os olhos esbugalhados, em lágrimas, perdidos no horizonte!!!...





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Escrevo

Por Fèrnanda Pimentel



Fèrnanda Pimentel é poetisa da cidade de Campos dos Goytacazes RJ, onde leciona Língua Portuguesa e Literatura para alunos da rede estadual. Lançou a primeira obra poética intitulada "Oito Taças" em 2023 pela editora Alumiá, e desde essa época começou a participar de concursos e antologias. Tem como característica principal: explorar as várias facetas do feminino.

@omundodepersefone



Escrevo para pessoas
que nunca existiram.
Mas dentro de mim,
elas ganham um nome.
Escrevo para pessoas
que nunca me viram.
Olham para a matéria
e logo depois somem.

Ando por uma estrada silenciosa.
Aqui neste trajeto,
só encontro a companhia
das minhas vozes.
Algumas delas,
são sempre misteriosas.
Às vezes acalentam,
mas em outras...
o coração foge.

Pessoas que nunca existiram
escrevem para mim.
Percebo que dentro delas,
eu tenho um corpo.
Nessa projeção,
elas apenas se viram.
Os relacionamentos precisam iniciar
com um sentimento torto?

O que eu pude
ver de mim?
O que era exatamente
do outro?
Como tomar a parte

que me pertence
do que vi?
No espelho,
só enxergo a falta
no meu olhar fosco.

Escrevo para a pessoa
que em mim existe.
Quero conhecer
seu verdadeiro valor.
Vivencio o oposto
e escolho o que consiste.
Não me arrependo
de estar sentindo essa dor.

Escrevo para a minha parte
que existe no inconsciente.
Converso com ela,
tentando entender a falta.
Sou aquela
que busca a lógica
de tudo o que sente.
Durante o devaneio,
o argumento é a solidez
que a consciência exalta.

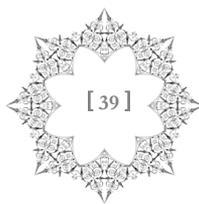
Pessoas que nunca existiram
escrevem em mim.
Me vejo aqui agora,
com trechos
de quem não conheço.
Quem é o estranho
para quem me rendi?

O que eu faço
com todo este conteúdo
que não reconheço?

Tem frases espalhadas
ao meu redor.
Só souberam existir
na minha concessão.
Eu lembro de todas elas
de cor.
São companheiras
nos momentos de solidão.

Eu me apaixonei
por todos esses trechos.
É a forma
delas terem existido.
Guardei num relicário
e não mexo.
Eles vão ficando velhos
após a presença ter partido.

Escrevo para pessoas
que existiram.
A magia das minhas lentes
lhes deu contorno.
Escrevo para pessoas
que nunca se viram.
Quando será
que decidirão enxergar
pelo olhar que não é morno?





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Martini vibrante

Por Hellen Desidério



Bacharel em Direito e discente em Design de Moda. Em 2023 foi sócia de um brechó on-line. O brechó não era sua atividade principal. Hellen sempre foi boa ouvinte e amante da escrita. Tudo isso começou a despertar atenção e curiosidade. Hellen passou a analisar e refletir sobre as histórias das clientes e fornecedoras e se deparou com um interessante fenômeno social e emocional que uma roupa poderia causar na vida de um alguém e as razões e dificuldades que as pessoas tinham para desapegar ou se simpatizar com determinada peça.

Um dia desses conheci uma fornecedora que me simpatizei muito, Josephine, já com 70 anos, muito fina e elegante. Uma verdadeira dama! Ela tinha muito bom gosto e sempre teve o hábito de criar e produzir suas próprias roupas em alfaiates e costureiras. Muitas das peças não serviam mais, outras o estilo não lhe era mais conveniente. Para meu espanto muitos dos itens tinham mais de 40 anos e estavam em perfeito estado de uso.

Essa parceria foi muito boa para os dois lados porque a maioria dos trajes de Josephine eram clássicos e atemporais. Um belo dia eu e Josephine começamos a jogar conversa fora e ela me confessou que tinha era uma pessoa materialista e que tinha muito apego em suas roupas, mesmo com aquelas que nunca mais usaria. Com muito esforço e pelo incentivo de uma sobrinha resolveu a começar a praticar o desapego.

Conversa vai, conversa vem, deixou escapar que tinha um vestido vermelho vibrante que usara no primeiro encontro com uma grande paixão que teve na vida que tinha tomado a decisão de se “libertar” dele. Achei bem interessante a colocação, mas naquele momento vi em seu olhar brilho e tristeza.

Como gostava muito de ouvir histórias, principalmente de pessoas mais experientes que eu, deixei ela a vontade para narrar esse momento.

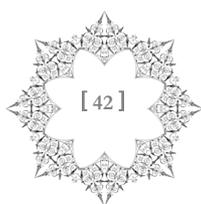
Josephine, com aproximadamente 35 anos, em uma viagem conheceu Dimitri e se encantou por aquele belo homem charmoso e misterioso. Combinaram um jantar em um restaurante tradicional da cidade que moravam na época.

Na ocasião, Josephine desceu do taxi vestindo um vestido tubinho vermelho vibrante, ah! uma fenda na frente como detalhe, que a deixou ainda mais exuberante aquela corpulência de 1,76m. Os olhos de Dimitri vibravam, não apenas de admiração, mas também como se pensasse “nossa, eu mereço tudo isso”? A jovem moça com toda sua elegância e fineza pediu uma taça de Martini com morangos para poder ficar mais descontraída, pois, embora fosse deslumbrante fisicamente, era muito séria e tímida.

A noite foi muito agradável, falaram sobre o futuro, fizeram planos. Em pouco tempo foram morar juntos. Em pouco tempo tiveram um filho e em pouco tempo acabou admiração. Por muito tempo eram dois estranhos, solidão a dois. Quartos separados, pouco diálogo.

E assim foram por longos 15 anos, até que se separaram, nunca mais conversaram nunca mais se encontraram. Recomeçaram a vida, constituíram outra família. Admiração virou orgulho.

Um o dia Dimitri adoeceu, já no seu leito de morte, Josephine resolveu estar presente, talvez por remorso ou por apenas consideração, foi apenas o tempo de chegar, apertarem as mãos. Ela, com esmalte vermelho vibrante e ele com mãos na cor do sofrimento. Despediram-se no olhar dizendo um para o outro “até o próximo Martini”.



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Falamos sobre isso depois

Por Júlio Miranda Filho

JÚLIO MIRANDA FILHO nasceu em 12 de outubro de 1996, no município de Ituiutaba, no estado de Minas Gerais, Brasil. Leitor ávido desde a infância, começou a escrever suas próprias histórias ainda adolescente. Gosta de trabalhar com diversos gêneros literários, mas suas verdadeiras paixões são fantasia, terror e ficção científica, especialmente os subgêneros distópico e pós-apocalíptico.

“Você está sentada aí faz quanto tempo? Não me ouviu bater? O quê, ia me deixar do lado de fora até que alguém chamasse a polícia?”

“...”

“A previsão é de tempestade, sabia? Ia me deixar lá fora, na chuva?”

“É uma merda de um prédio, Daniel, e lá fora é uma merda de um corredor, você não estaria na chuva.”

“Olha, então ela fala! Graças a Deus que a sua mãe me deu uma cópia da chave.”

“Pois ela não devia ter feito isso, ela não tinha o direito...”

“Bem... Pelo menos me diz que você se lembrou de comer alguma coisa, já que, pelo que parece, está sentada à mesa e só Deus sabe quanto tempo.”

“Eu comi... Eu comi, está bem? Satisfeito? Já pode ir embora agora. Boa viagem! E obrigado pela porra da visita! A gente devia não fazer isso de novo algum outro dia.”

“Engraçadinha... Comeu, foi? E quando foi isso? Por volta da última vez que você se lembrou de tomar um banho?”

“Por favor, Daniel... Por favor, não começa com essa merda.”

“Você não pode viver só de café e cigarros, sabia disso? Há quanto tempo você está sentada em torno dessa mesa, hein? Você chegou a dormir essa noite, a pregar os olhos pelo menos um pouco, durante alguns minutos que seja? Não me diga que toda essa montanha aí dentro desse maldito cinzeiro é obra de uma única noite em claro, pelo amor de Deus.”

“Minha mãe não devia ter lhe dado uma cópia da porra da chave...”

“Ela se preocupa com você, é só isso.”

“Ah, é? Se ela se preocupa mesmo, então por que ela mesma não vem aqui me encher o saco? Por que faz você vir, por que jogou mais esse fardo sobre os seus ombros?”

“Querida... Queria, você não é nenhum fardo...”

“Cala a boca! E a sua esposa, hein?! A coitada sabe que você está aqui, segurando as mãos de outra mulher? Da sua ex ainda por cima...”

“Não se preocupe com isso, é problema meu. E ela... Ela entende, está bem?”

“Engraçado, eu acho que puxei minha mãe...”

“...”

“Nunca nos demos bem, vivíamos em pé de guerra, e talvez, no final das contas, o fato de sermos tão parecidas seja o principal motivo...”

“Do que você está falando, Jen? Deus... Olha! Consigo sentir os seus ossos — consigo ver os seus ossos, olha como sua pele está fina! Você precisa lembrar de se alimentar, querida...”

“Duas mães de merda, nós duas, eu e ela...”

“Querida, por favor, para com isso...”

“Duas mães de merda!”

“Querida...”

“...”

“Não devia dizer essas coisas, não é verdade...”

“Eu sei, eu sei... Desculpa, desculpa, eu não quero te chatear. Só estava... Pensando alto, foi só isso. Eu sinto muito. Meus Deus, como eu sinto muito, muito, muito mesmo... Daniel... Daniel... Eu sinto muito, por favor, acredite em mim!”

“Ei, ei, ei! Para com isso. Por favor, para com isso...”

“Está bem. Me Desculpa, me desculpa...”

“Chega de desculpas está bem? Certo... Vamos ver o que você tem por aqui. Nos armários, vejamos... Hum... Poeira, e mais poeira, e teias de aranha... Não, não... Me parece um pouco indigesto como café da manhã. Geladeira, que tal tentarmos a geladeira? Jesus, um milhão de marmitas! Ei, eu conheço essas vasilhas. Ah, claro! Eu trouxe todos esses pratos para você durante as últimas três ou quatro semanas, não foi, como poderia ter me esquecido...”

“Desculpa, eu...”

“E o cheiro... não melhorou muito desde que eu as trouxe. Certo, vamos pensar em outra coisa.”

“Daniel, é sério, deixa isso para lá, eu me viro...”

“Bobagem! Vamos ver...”

“Por favor, é sério. Eu me viro, vai para casa, já sou grandinha, posso cuidar de mim mesma, sabia? Você não merece isso, eu não sou sua responsabilidade, não sou sua esposa, não sou sua filha... Volta para casa, para a sua mulher, e para os seus filhos... Eu me viro.”

“Quer saber, eu vou é dar um pulo na mercearia do Guto ali na esquina. Já volto!”

“Daniel, para...”

“Algum pedido especial?”

“Por favor, para com isso, é só o que eu peço...”

“Eu trago um pouco de tudo, melhor assim, o que você acha?”

“Daniel, só... só me deixa sozinha, por favor! Por favor...”

“E se eu fizesse especialmente para você aquela lasanha que você tanto amava? Lembra, a única coisa que eu sei fazer direito e que não faz quem come mijar pelo buraco errado pelos próximos três dias? Ha! ha! Lembra? Foi você quem inventou o nome. O que você acha?”

“Deus... Como eu faço para você parar com isso, porra?! Pelo amor de Deus!”

“É só dizer que sim.”

“Faz a porra que você quiser...”

“Já volto, está bem?”

“Burra, burra, jumenta!”

“Ei, ei, ei! Para com isso!”

“A culpa é toda minha, eu já devia ter trocado essa merda dessa fechadura há muito tempo. Vamos fazer assim: eu deixo você bancar o meu cavaleiro de armadura branca uma última vez e depois você some da minha vida, pode ser?”

“Jen...”

“Daniel, cara, me deixa em paz, pelo amor de Deus!”

“...”

“É tão difícil entender e respeitar isso?! Paz, paz, eu só quero paz! Quero que me deixem em paz, que me esqueçam! Eu não sou uma criança, porra!”

“...”

“E da próxima vez que for embora, deixa a merda da cópia da chave, ou devolve pra minha mãe. E aproveita e manda um recadinho meu pra ela também. Diz pra ela que... Porra! Não, não fala nada, só... Só devolve a chave ou deixa aqui ou joga fora, ou sei lá... qualquer merda do tipo, só não volta mais aqui.”

“Jen, por favor...”

“Daniel, para com isso, e tira suas mãos de cima de mim, me deixa em paz!”

“Por favor, não chora. Nós só queremos ter certeza de que você está bem, queremos que você fique bem.”

“Eu ficarei. Ficarei bem melhor a partir do momento que vocês me esquecerem, que todos vocês me esquecerem e começarem a cuidar de suas próprias vidas!”

“Jen... Querida...”

“Me larga! Vai logo comprar a merda que você tem que comprar e fazer a merda que você sente que tem que fazer e depois me deixa em paz, cara, por favor! Vamos só... acabar logo com isso.”

“Eu já volto, está bem?”

“...”

“Você vai ficar bem, Jen?”

“Vai logo! Minha bolsa está aí em cima do aparador, pelo menos usa o meu dinheiro dessa vez, pelo menos isso.”

“...”

“Merda... Daniel?”

“...”

“Olha, eu sinto muito... Desculpa, eu perdi a cabeça...”

“Está tudo bem, não se preocupe. Eu já volto.”

“Sabe, eu... Eu sonhei com ele noite passada...”

“...”

“Ele estava usando aquela camisetinha azul, com a estampa de peixinhos, e aquele short jeans azul-claro que sua mãe deu pra ele no aniversário de dois anos, lembra?”

“Jen...”

“Ele sorriu pra mim — um sorriso enorme, maravilhoso —, aqueles olhinhos brilhando, veio correndo na minha direção. ‘Mamãe!’ ele gritou e...”

“Jen, eu... Eu já volto, está bem? Podemos falar sobre isso depois?”

“Claro... Depois...”

“Eu já volto...”

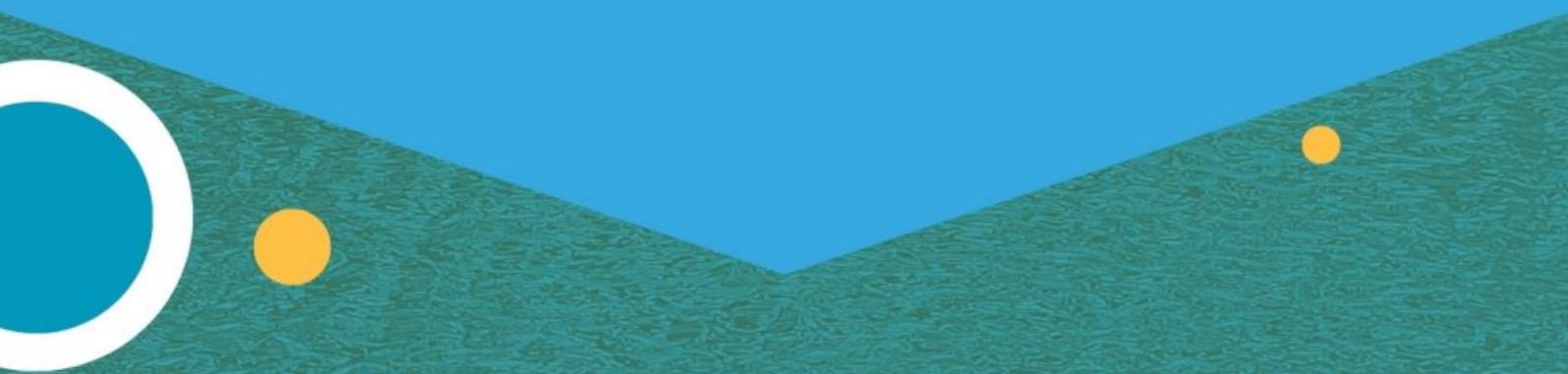




A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Encontro

Por Lara Vaz Tostes



Nascida em Minas Gerais, Lara é amante de literatura desde nova. Formou-se em Direito, pela UFMG. Almeja o entendimento da vida, em todos seus aspectos - objetivos, subjetivos, metafísicos, ontológicos etc. Lara possui uma gêmea, da qual compartilha da mesma paixão por literatura. A arte, para Lara, é um dos caminhos intrínsecos ao entender da existência.



Na ponte que liga a ilha à cidade, encontra-se, em cada extremo, uma menina. São irmãs. Gêmeas: DNAs teoricamente iguais. As espirais do núcleo do ser são nelas parecidas? Deveriam ser. Deveriam? Talvez não tanto – diz a ciência “todos temos espirais genéticas dessemelhantes e mutáveis, conforme o crescimento fisiológico que começa no útero materno. Inclusive gêmeos”. Elas se olham, distantes. “Não se parece comigo, somos mesmo gêmeas?” Pensam, ambas. Começam, numa curiosidade, a se aproximar, se encontram no meio da ponte. Olham-se novamente. Agora se sentem mais parecidas. Decidem trocar palavras, ideias. Uma raiz de amizade vai sendo criada. No dia seguinte, ambas novamente se encontram no meio da ponte. A raiz já se torna de irmandade plena - as irmãs possuem interesses em comum, valores em comum. Não é a espiral genética que conecta as duas irmãs gêmeas separadas por uma ponte, mas sim a comunhão entre ambas. Não é a genética, é a forma de dialogar, mesmo em silêncio. O espiral molecular do DNA, possivelmente similar, nada impede a individualidade distinta de cada uma, erigida e amoldada conforme influências externas. São diferentes, constatam, porém se dão extremamente bem. A raiz da união pela afinidade se fortalece nas duas. Os encontros na ponte se tornam constantes.

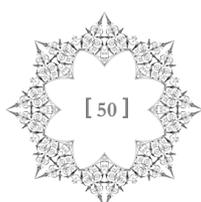
Num dia de chuva, a ponte cai. As irmãs começam apenas a se ver de longe, uma na cidade, uma na ilha. Não há mais possibilidade de um encontro, face a face, longo o bastante para consubstanciar a troca de ideias que tanto apreciavam. Malgrado a distância, a raiz de irmandade não é esquecida. Todas as noites, uma pensa na outra. Vão se encontrar novamente? Passam-se meses, cada uma vai se formando, desenvolvendo, ganhando novos jeitos.

Nesse ínterim, as espirais genéticas, semelhantes, permanecem, mas a raiz da conexão entre as duas vai murchando. Porém a semente precedente à raiz não deixa de existir. A semente representa a potencialidade de um novo encontro, da renovação da raiz. O elo espiritual é inolvidável.

Passam-se anos. O esquecimento da antiga amiga vai cobrindo a semente da união, a memória se submete ao tempo – o deus Cronos se impõe. As irmãs, numa luta interna para proteger a lembrança, começam a traçar os acontecimentos como um sonho que lhes acometeu.

A gêmea na ilha, já adulta, esquecida de sua antiga amiga, semelhante, porém distinta, segue o percurso da vida. Vive como se tudo que aconteceu anos atrás fosse um mero devaneio. Casa-se, tem filhos.

Já em sua meia idade, essa mesma senhora dá-se a refletir. A buscar entendimentos, a buscar o autoconhecimento e, para tanto, reviver suas memórias. Nesse pensar, andando à sala de sua casinha, para em frente ao espelho da sala. Vê-se: figura esbelta, rugas já se formando, mas olhos infantis, o corpo com traços ainda juvenis. Seu reflexo vagamente vai lembrando-lhe de alguém. Quem? “Não, não se parece comigo essa imagem ao espelho”, pensa ela. De súbito, funde-se memória e verdade em sua mente. Ela corre e pergunta ao marido: Já houve uma ponte que ligava essa ilha a uma cidade? O marido, nativo da ilha, a responde: “Querida, nessa ilha nunca houve pontes, para se chegar a uma cidade, apenas de barco ou avião, desde os tempos de nossos pais. A mulher, intrigada, volta ao espelho e se olha – entende agora o que lhe vem à alma. Alma esta complexa, cheia de dualidades. Sim, a mesma alma que comporta o ser de sua irmã gêmea – melhor dizendo, a mesma alma que comporta a entidade que entendia ser sua irmã gêmea. E a cidade? A cidade é a Ilha. A ilha também é a cidade. A mulher também é a ilha e a cidade. Ela é sua antiga amiga. Em sua cabeça, fusões catalisam uma epifania. E todo seu ser é uma ilha de complexidades – é um ser único, único mas vários, único mas dois. E assim, em sua alma, as duas irmãs se reencontram.



A P R E S E N T A M O S O C O N O

Frenesi científica

Por Lara Vaz Tostes

Nascida em Minas Gerais, Lara é amante de literatura desde nova. Formou-se em Direito, pela UFMG. Almeja o entendimento da vida, em todos seus aspectos - objetivos, subjetivos, metafísicos, ontológicos etc. Lara possui uma gêmea, da qual compartilha da mesma paixão por literatura. A arte, para Lara, é um dos caminhos intrínsecos ao entender da existência.

Os espirais genéticos são estudados pelos cientistas: moléculas de DNA sob óticas objetivas enfileiradas em listas.

Dos pequenos laboratórios, num exame investigatório sobre o funcionamento humano, há de se criar certezas.

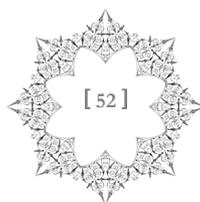
Momentos de tristezas: muitas variáveis enredam o entendimento.

Na frenética busca, desconsideram-se inúmeras conexões — fontes de novas mutações.

A métrica científica, fala um dos cientistas, cético, parece não apurar a metafísica enigmática da vida.

À fala questionadora, um silêncio — em parte desolador. Voltam-se a seus trabalhos, os pensadores.

E, em pertinácia, todas as almas, com ardor e audácia, atizadas em imitar o Criador, continuam o labor.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Poeminha da esperança

Por Luiza Passini Vaz Tostes



Luiza é uma menina privilegiada que nasceu em uma família de pais médicos. Assim sendo, mesmo apaixonada por Letras e Humanas, fez Medicina na UFMG. Um diferencial na sua vida é sua irmã gêmea, Lara, com quem conversa diariamente sobre os mistérios da Humanidade e da Arte.



Na infame angústia do meu ser, busco uma janela aberta (em vão discriminar qual pretensão).

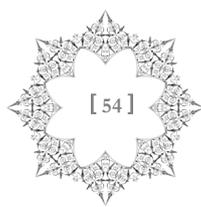
Observo e aprecio o vento, não aquele que leva as nuvens, mas a ventania que levo nas minhas entranhas.

Abrasar para bem longe aquilo inominável e incompreensível que me é calamitoso — Inéfvavel emoção. A nauseante sensação de não pertencimento a essa sociedade — a negação total à liberdade que anseio.

Quero desertar-me, pois não encontro um lar. Não digo uma casa, mas um lar espiritual. No momento presente, não existe morada — carente, vejo minha alma, cansada. Estou desabrigada. Com lugar para comer e dormir, com família e amigos, mas desabrigada.

Logo antes de fechar a janela, como quem não tem mais nada a esperar ou a achar, ouço um sopro do vento que sussurra: "permaneça, e continuaremos a dançar juntos. Você busque em seu âmago lar próprio, em que seja sujeito de todas as ações. Nesse sóbrio e cômodo lugar, é garantido somente a almejada paz de espírito. Lá, seus valores governaram e seus princípios serão respeitados. Finalmente, saberá que a morada de seu eu exterior encontra-se no seu interior."

O sopro passou — com um oco pendor —, com ele se foi meu pessimismo, e "o lar" veio a ser meu novo anseio.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Novo rumo

Por Luiza Passini Vaz Tostes



Luiza é uma menina privilegiada que nasceu em uma família de pais médicos. Assim sendo, mesmo apaixonada por Letras e Humanas, fez Medicina na UFMG. Um diferencial na sua vida é sua irmã gêmea, Lara, com quem conversa diariamente sobre os mistérios da Humanidade e da Arte.



Vou desistir da Medicina e tomarei outro rumo: serei poeta!

Falar de inutilidades, como o pouso de um passarinho no galho, o riso de uma criança, um abraço entre amigos.

"Que desperdício", dirão meus pais. E eu, acatando a já intitulada fama "Ovelha negra da família", saírei cantarolando as coisas desimportantes. Passarei horas pensando em versos para escrever, desdenhando o estudo da Ciência.

Quero poder não só apreciar, mas me envolver na Literatura.

E se alguém desgostar dessa minha última solução, sorrirei e recitarei um trecho de um poema que levo no coração:

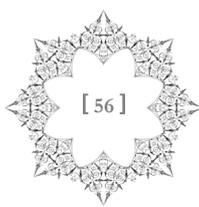
"Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas).

Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.

Fiquei emocionado.

Sou fraco para elogios."

Assim como Manuel de Barros, me sentirei comovida.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Cadáver ambulante

Por Nah Haadhja



Aos 19 anos, Nayarha Haadhja é estudante do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Com uma paixão imensurável pelo audiovisual, a jovem almeja unir seus aprendizados do ensino superior e suas habilidades na escrita criativa ao sonho de trabalhar na confecção de uma obra cinematográfica, algo incentivado por sua falecida professora Denise Souza.

Entre as terras desvirtuadas do exílio, meu fantasma do passado volta a assombrar
Ele paira sobre os resquícios de existência que ainda ficam
Contornando o aparato que, por hora, me faz funcionar
Penetrando no que há de mais fundo, contrariando meu último desejo
Voltando à época das sombras, quando o meu ser aprendeu a se despedaçar.

A árvore do pecado me prendia, enquanto minha vergonha desnudava
As feridas expostas, o sangue hidratando a mata
A cabeça inchada, os ossos perfurando a pele
O açoite em mãos, pronto pra mais uma jogada
Depois da primeira infração, a dor se torna uma companhia diária

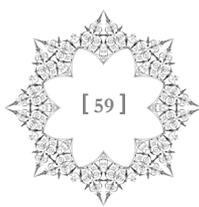
Confessar o desconhecido e condenar outros vinte
O olhar endurecido do sargento, suas falas corroídas de lisura
Não duraria mais que um suspiro, o balim ceifando o excedente
Seria a salvação, o Grande nos esfolaria da heresia
Porque somos o que somos, a escória da nação.

Um suspiro, nada a mais para atizar a fúria fardada
Meu racional se foi na primeira sova
Quando voltei a respirar, despertei um novo homem
O maxilar deslocado, os dentes pra fora, a língua em pedaços
Minhas palavras, na fala, abolidas; minha mente, um incêndio.

O estado de ser humano, de ser livre
Uma vez alçado, eu o seguro com o que me resta
Não importa o que ficou à mostra, revitaliza minha força
Preciso sentir que uma parte minha ainda está aqui
Nesse corpo que me segurou, que me salvou.

Uma vez despedaçado, o aguerrido reaprende a respirar
Porque quando a inexistência era certa,

O vital assume o controle e excede o que me completa
À princípio, um ingênuo; agora, um corpo de resistência
À beira da extinção, o chamado da revolução me envolve
Transportando um homem em luta contra a morte.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Vivo

Por Nah Haadhja



Aos 19 anos, Nayarha Haadhja é estudante do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Com uma paixão imensurável pelo audiovisual, a jovem almeja unir seus aprendizados do ensino superior e suas habilidades na escrita criativa ao sonho de trabalhar na confecção de uma obra cinematográfica, algo incentivado por sua falecida professora Denise Souza.

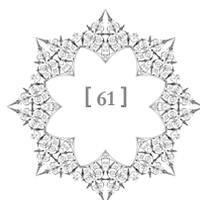


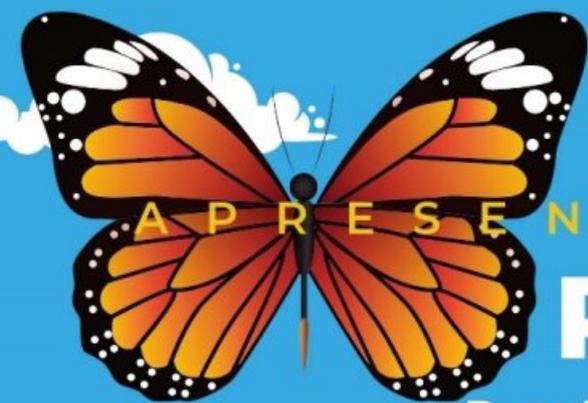
Primeiro, eu nasci, filho das trevas, no obscuro
Desde cedo, aprendi a me guiar pela escuridão, era a única saída
Vivi do mal ao pior, aos onze, virei pai do meu irmão
Os sangues entrelaçados, um vínculo eterno
As mãos se encaixando nos dedos, a certeza de estar completo
Aos 13, eu o perdi, os sentimentos em avalanche, uma aura em fragmentos.

Primeiro, eu cresci entre sombras, me tornando mais uma
O sol me ofuscando, a inveja pelos sorrisos dos outros
Como viver sob a culpa de estar existindo?
O calor humano compartilhado, os olhos reluzentes, os risos abafados
A solidão agarrada a mim, nós dois vivendo no escuro.
Aos 18, minha mãe foi atrás do meu irmão e me deixou com sua sombra.

Um dia, Ela me viu, sua luz transcendendo as sombras do meu quarto
Flutuou até mim, seus braços majestosos me envolvendo
No reflexo de seus olhos, eu vi a minha imagem difusa, as lágrimas correndo
Ela carregou a solidão dos meus ombros e me apresentou a um garoto no espelho
Eu vi a mim mesmo sorrindo, e, então, aos prantos, eu também estava sorrindo
A felicidade nunca me pareceu algo palpável, mas ela era pro garoto refletido.

Depois, eu acordei, minha face não era cinzenta, meus olhos irradiavam
Nascido e criado nas trevas, eu me entreguei ao sol, e ele me abraçou
Não era mais dono dos meus movimentos, o vento me moldava, e eu dançava
Como um bebê descobrindo as águas, aprendi a boiar no mar, era como voar
Quando a noite me contemplou, tentei decifrar as estrelas e ler o futuro
Encarei o céu, sentindo-me agraciado pelo dia e clamando por dias melhores
Incontáveis dias bons ainda estão por vir, é o que resta a mim esperar
E esperando, esperançoso, espero, tendo fé que vão chegar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Pêndulo

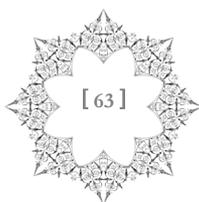
Por Raul Schaefer Filho



O autor é nascido em Florianópolis/SC, onde reside, tem colaborado com diversas antologias literárias, órgãos de imprensa e revistas de seu Estado natal e de outras regiões do Brasil. É formado em Direito, com várias especializações, e optou pela aposentadoria como advogado.



o pêndulo é um corpo
um peso (re)movido
o pêndulo quis fugir
escapar de si, olvidar a vida
deixar a terra quente e seca
cobrir o fracasso de sua mais valia
o pêndulo tem cor, não possui sexo
esvaziou o ventre
negou-se à transformação, o pêndulo
dormiu na lápide do nunca
revirou o nexo e pariu o lucro alheio
restou descartado, o pêndulo...





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Chumaços de algodão

Por Roberto Schima



Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista LiteraLivre. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", "Era uma Vez um Outono" etc. Participou de 359 antologias até agora. Contato: rschima@bol.com.br



... Ah, no palco da ilusão
Pintei meu coração..."
(*Sonhos de um palhaço*, Antônio Marcos)

Os aplausos ainda ecoavam sob a lona.

No camarim, após o derradeiro espetáculo, o homem idoso fitou o espelho.

Do outro lado, o palhaço ofegante devolveu-lhe um olhar tristonho. Em seguida, ofereceu um meio sorriso. Inclinou a cabeça de um lado; depois, do outro. Havia empatia, compreensão e aceitação.

Vacilante, o homem apanhou o chumaço de algodão, coração de tamborim. Umedeceu-o. Em gestos lentos, tímidos e — Por que não? — amedrontados principiou a retirar a maquiagem em rastros cor de pele.

O branco das faces.

O amarelo ao redor dos olhos.

O vermelho do nariz e ao redor da boca.

As seis lágrimas azuis de uma tristeza mal contida.

Dentro de sua mente, o palhaço Caçarola falou baixinho:

"Ei, você. Está com medo?"

— Estou — respondeu o artista do lado de cá do espelho.

"Eu também... Eu também!"

Chumaços coloridos acumularam-se no cesto de lixo: brancos, amarelos, vermelhos e azuis.

Caótica paleta.

Difusos arco-íris.

Sangue de palhaço.

Respiração já controlada. Coração acalmado, embora apertado. A maior parte de Caçarola havia se diluído. Estava quase irreconhecível, exceto pelos brilho em seus olhos ornamentados por rugas.

"Vamos fazer um acordo?", sussurrou.

— Qual? — indagou o velho.

"Eu te ajudo e você me ajuda."

A mão interrompeu o movimento.

O algodão pairou no ar feito nuvem.

— Ajudar a quê, Caçarola? — indagou o homem, intrigado.

"A viver, meu velho. Você se apoiará em mim para caminhar. Eu me apoiarei em você para existir."

— Será sensato? Depois de tantos anos...

"Não me deixe partir!"

Faltava apenas uma mancha de maquiagem a ser retirada.

Havia aflição no olhar úmido do palhaço, agora irreconhecível.

O homem idoso não poderia dizer que chegou a pensar, pois sua insegurança, incerteza e temor eram idênticos. Assim, diante da aposentadoria que o aguardava além do camarim, falou:

— Não deixarei. Aceito a sua ajuda e ajudarei no que puder.

O reflexo sorriu, melancólico.

"Sentiremos saudade do riso espontâneo das crianças junto às pessoas grandes."

— E também do sorriso contido das crianças *dentro* das pessoas grandes.

"Mesmo quando nosso próprio coração não se sentia bem."

— Fazia bem ao coração ver os outros felizes — completou o idoso.

Um último chumaço de algodão desfilou no rosto encarquilhado.

O velho observou o grisalho desconhecido diante dele e, antes que fosse oprimido pelo mundo que sobre si se desfazia, escutou a voz marota dentro de sua mente a sorrir, rir e gargalhar:

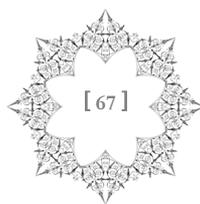
"Vamos, vamos embora daqui... Um novo mundo nos aguarda!"

— Sim, Caçarola, vamos descobri-lo juntos.

Assim, o velho e o palhaço deixaram o espelho, o camarim, o picadeiro, o circo, os outros artistas e a plateia. Despediram-se de todo um universo que, até então, era tudo o que jamais conheceram e caminharam de mãos dadas para a desconhecida vastidão do lado de fora.

NOTA DO AUTOR:

Escrito entre 16.04.2022 e 17.04.2022. Inspirado na personagem Puddles Pity Party criada pelo talentoso artista Mike Geier, e, claro, na lembrança do *alter ego* do Sr. Waldemar Seyssel, o saudoso palhaço Arrelia.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Era uma vez...

Por Sellma Luanny

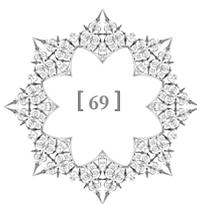


A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Graças aos que antes de nós
este mundo povoaram...
suas sombrias histórias
seus erros e acertos
e desconhecidas trajetórias,
somos esta humanidade.

Se mais guerreiros ou submissos
se muito vagaram e sofreram
se lutaram e fome sentiram,
sobreviveram... sobreviveram...
se não, agora não seríamos.

Por toda a nebulosa história
dos migratórios humanos,
muito... muito mais que menos...
os nossos pais... e os seus...
e os deles... transcenderam.
E aqui e agora, estamos.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Mundo artificial

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

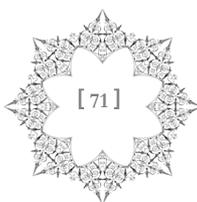
Visão túrbida, imperfeita e fútil.
Chamado por si, "imagem de Deus".
Dos caminhos naturais, desviando.
Que imagem? Que Deus? Que luz?

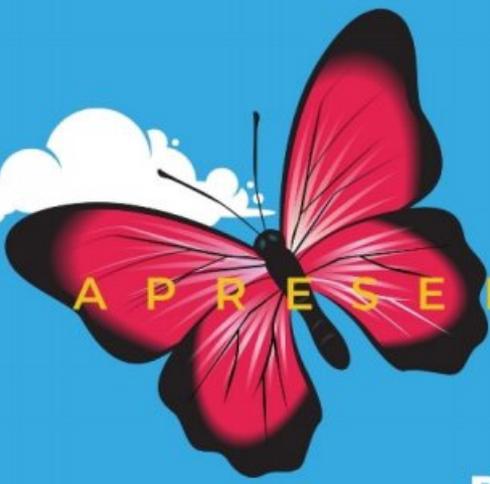
Sua bela inteligência e empresa,
sua capacidade de mudar o seu destino,
pela sua irresponsabilidade, manchado.
Pisa o seu irmão, ignora o vero fardo.

Cria artifícios desnecessários.
Ao choro da natureza, é cego.
E sua cegueira aumenta
ao avultar da sua prepotência.

Artificiais são suas cores.
Destoa do princípio e está longe de um fim.
Mistura graus, confunde valores e paixões.
Não vê que o Universo toma outra direção.

E o Universo é vasto e imparável.
E a Terra renova-se em ciclos.
E você, homem, não entende, que o futuro
tem que ser esperado com sabedoria.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Silêncio

Por Sellma Luanny

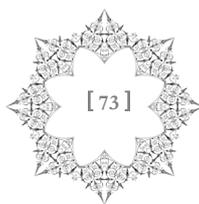


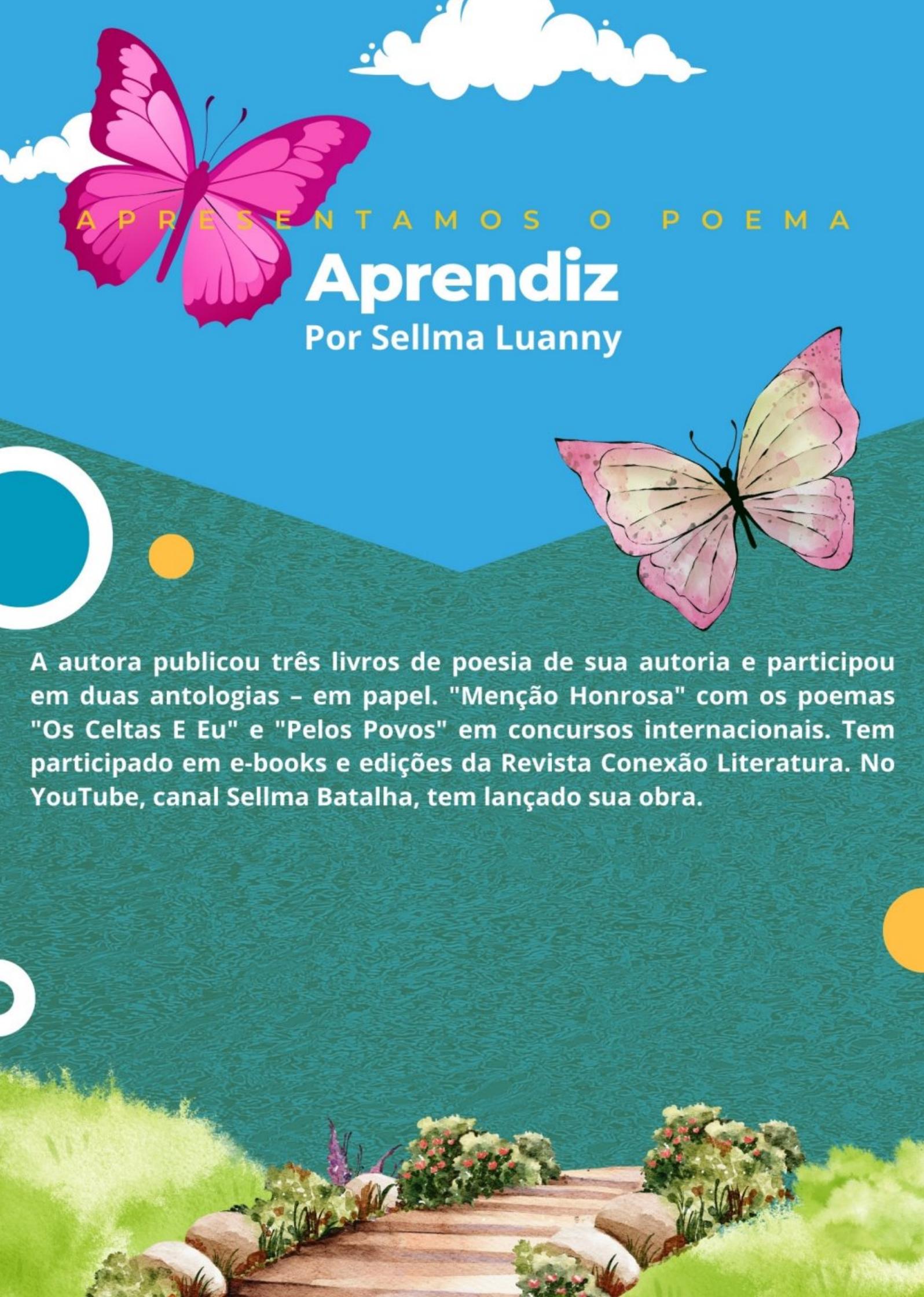
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Faça-se silêncio!
Silêncio de vozes,
de burburinho.
Silêncio de problemas,
de tensões.
Que venha o silêncio,
totalmente.

Como é torturante
este barulho.
De gente sem trégua,
de gente sem cor,
de gente sem sentido
e sem rumo.

Faça-se silêncio!
Silêncio que relaxa,
que libera.
Silêncio que limpa a alma,
desta enorme
poluição humana.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Aprendiz

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

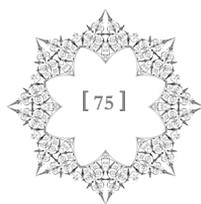
Nascer e ter como Norte uma boa mãe...
Que bênção! Mãe presente...
mãe que alimenta e ensina...
acarinha e suporta... ralha e direciona.
Mãe que divide dores e conquistas.

E sentir-se preparado para avançar...
para o mundo... mundo de fora...
mundo sem mãe. Onde conforto certo,
não se encontra. E numa corrida
contra si, com as falhas aprendendo.

Da redondeza do sol e da terra é bom
se lembrar. Do começo e fim de tudo...
E entre os extremos, o seu campo...
de ação... de criação... para cumprir.
Os elementos a trabalhar... expostos.

Descer um degrau quando preciso for...
Após eventuais deslizos, firmar-se...
E de qualquer queda se levantar.
O caminho a seguir... o seu
Aprendizado... seu bem... tecendo.

E aprimoramento extrair... para sua
estrutura... sua fortuna... fazendo.
E ensinamentos para novas etapas
de um eterno aprendiz, absorver...
E da jornada... retirar o prazer.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

As aventuras de Isabel

Por Tatiane da Silva Pereira Veiga



Ela é uma estudante dedicada e apaixonada pelo curso de Pedagogia, onde busca aprofundar seu conhecimento sobre a educação e o desenvolvimento infantil. Além de sua formação acadêmica, ela tem um interesse especial por literatura infantil, reconhecendo o impacto significativo que essa área tem na formação cultural brasileira.



Em uma tranquila e ensolarada tarde de primavera, a natureza parecia conspirar para um dia perfeito. O aroma das flores silvestres perfumava o ar, enquanto borboletas coloridas dançavam graciosamente entre os arbustos. Em meio a esse cenário idílico, uma jovem chamada Isabel, de longos cabelos castanhos e olhos curiosos, explorava os arredores da floresta próxima à sua aldeia. Isabel era conhecida por sua bravura e espírito aventureiro, sempre em busca de novas descobertas.

Naquela tarde, algo inusitado chamou sua atenção. Entre as raízes retorcidas de uma antiga árvore, ela avistou um objeto peculiar: um capuz de veludo vermelho, adornado com bordados dourados que brilhavam à luz do sol. Intrigada, Isabel pegou o capuz e, ao colocá-lo na cabeça, sentiu uma onda de calor percorrer seu corpo. Uma voz suave e melodiosa sussurrou em seus ouvidos: "Com este capuz, os teus sonhos se tornarão realidade."

Maravilhada, Isabel percebeu que o capuz possuía poderes mágicos. Decidiu então testar suas habilidades, sonhando com um belo cavalo alado. Em instantes, um majestoso cavalo branco, com asas brilhantes, surgiu à sua frente, relinchando suavemente. Com um sorriso no rosto, Isabel montou o cavalo e alçou voo, sobrevoando florestas e rios, sentindo a liberdade ao vento.

Ao retornar à aldeia, Isabel compartilhou sua descoberta com os amigos mais próximos. Juntos, eles começaram a usar o capuz para realizar sonhos que beneficiariam a comunidade. Criaram colheitas abundantes, construíram casas aconchegantes e trouxeram paz e prosperidade ao vilarejo.

Entretanto, não demorou para que a notícia do capuz mágico se espalhasse além das fronteiras da aldeia. Um senhor feudal ambicioso e cruel, chamado Barão Victor, soube da existência do artefato e, movido pela ganância, decidiu se apossar dele. Enviou seus guardas para capturar Isabel e roubar o capuz.

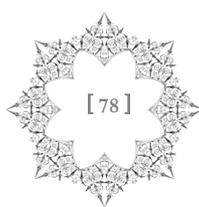
Isabel, porém, não era facilmente intimidada. Com a ajuda de seus amigos e do capuz mágico, arquitetou um plano engenhoso para proteger o artefato. Criou ilusões e obstáculos que confundiram os guardas, mantendo o capuz a salvo. Percebendo que apenas a força não seria suficiente para proteger seu vilarejo, Isabel decidiu enfrentar o Barão Victor pessoalmente.

Em um confronto épico, Isabel usou o capuz para criar um campo de batalha onde seus pensamentos moldavam a realidade. Com coragem e inteligência, ela desarmou o

barão e mostrou a ele a futilidade de sua ambição. O capuz, que refletia a pureza de seus desejos, revelou-se incapaz de ser utilizado por aqueles cujo coração era corrompido pela ganância.

Derrotado, o Barão Victor foi exilado e a paz voltou a reinar no vilarejo. Isabel, agora uma líder respeitada e amada por todos, guardou o capuz em um lugar secreto, utilizando-o apenas para o bem comum

E assim, a incrível e mágica história do capuz, que transformava sonhos em realidade, tornou-se uma lenda na aldeia, inspirando gerações a acreditarem na força de seus sonhos e na pureza de seus corações.

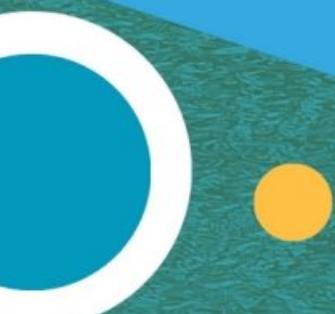
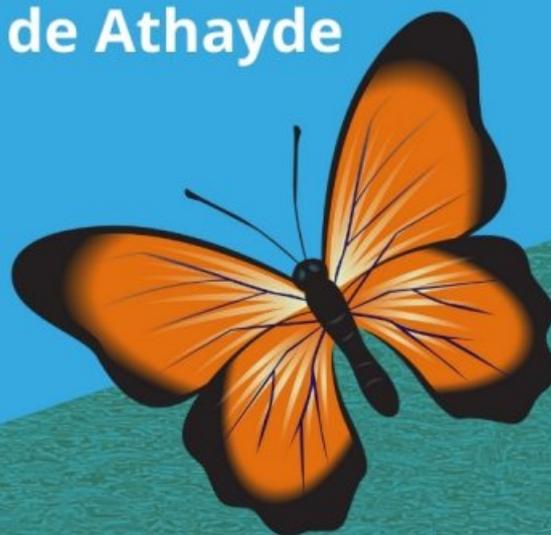




A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Passatempos

Por Vera Lúcia de Athayde



Sou Vera Lúcia de Athayde, mulher, tenho 72 anos, sou casada há 52 anos, sou mãe de dois filhos, avó de dois netos.

Tenho graduação em Pedagogia com especializações em Gestão escolar e Psicopedagogia. Fui professora da Educação Infantil por 18 anos, diretora de escola por 18 anos e supervisora de ensino por 3 anos.

Aposentada há 8 anos tenho como hobby escrever crônicas. Através delas posso viajar no tempo, dar voz a personagens inusitados e transformar o cotidiano em crônicas cheias de humor, nostalgias ou emoções.



Aposentadoria, dizem, é tempo de descanso. Mas, para mim, virou um campo de provas – e eu sou a cobaia. Com tempo de sobra e um histórico de inquietação, me joguei na busca pelo hobby perfeito.

Sempre ouvi dizer que fazer artesanato pode ser uma atividade prazerosa e terapêutica. Aprender algo novo, feito por mim, com minhas próprias mãos, e quem sabe até descobrir novas habilidades que estavam escondidas, me estimulou a começar a fazer artesanato. Recortei, dobrei, coleí... e, no fim, depois de vários fantoches para meus netos e enfeites para a casa, só conquistei dedos endurecidos e uma dor no punho que parecia um telegrama do ortopedista dizendo: "Desista."

A jardinagem foi minha próxima vítima. Comecei cultivando e cuidando de plantas em casa: como não tenho jardim comecei plantando orquídeas, suculentas e samambaias. Depois, plantei um "pomar" em vasos: goiabeira, amora, cajá-manga e acerolas. Não satisfeita, fiz uma horta sensorial com alecrim, hortelã, coentro e manjeriço, ufa! Arranjei um repertório de dores musculares que nem sabia que existiam. Afinal, quando cheguei à fase de "chefe de obra" em que apontava e mandava meu marido fazer por mim: fazer as covas para as plantas utilizando enxadas, carregar os pesados sacos de terra vegetal, etc, percebi que a jardinagem exigia mais resistência do que eu tinha.

Com a jardinagem em stand-by por motivos de sobrevivência, me pareceu que pintura em telas seria uma atividade promissora. Fiz aulas com artistas plásticos muito bem conceituados, mas na verdade apenas aprendi a "copiar" quadros a óleo, mas me empolguei! Pintei paisagens, flores, natureza morta... Em pouco tempo, minha casa parecia uma galeria superlotada. Presenteei amigos, cedi vários para o bingo da paróquia, distribuí para a família, e até ofereci um para o carteiro, que aceitou em troca de um sorriso amarelo rsss, e, mesmo assim, sobraram tantas telas que minha despensa virou depósito de arte. Tive que parar, não por falta de inspiração, mas por falta de paredes vazias!

Música? Nem tentei. Meu canto é tão desafinado que o chuveiro e os passarinhos do quintal começariam a protestar no Twitter.

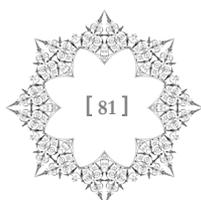
Foi então que uma amiga sugeriu: "Por que não tenta escrever?"

Ah, minha amiga, aí sim descobri o verdadeiro prazer! Escrever não dói (exceto quando fico tão empolgada que esqueço de piscar e meus olhos secam como uva-passa).

Não ocupa espaço (exceto na minha cabeça, que agora vive fervilhando de ideias). E, o melhor: posso criar mundos, contar histórias e fazer qualquer coisa acontecer sem precisar de cola quente ou pás de jardinagem!

Na escrita, sou livre! Posso viajar no tempo, dar voz a personagens inusitados e transformar o cotidiano em crônicas cheias de humor. Cada palavra que coloco no papel é como um pedacinho de mim que ganha vida. Quando vejo que alguém sorriu ao ler um dos meus textos, ah... sinto que encontrei o hobby perfeito!

E assim, com meu notebook e um entusiasmo que não cabe em mim, tornei-me oficialmente uma contadora de histórias. Sem dor, sem bagunça e, até agora, sem reclamações do ortopedista!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Sinais de chuva

Por Victor Otoni Barbosa



Victor é um autor que possui vinte e um anos de idade, reside em Minas Gerais. Começou a escrever para tirar tudo que estava em sua cabeça, tudo que o incomodava, e transformar tudo isso em histórias. Victor sempre gostou de escrever, já escreveu um livro de fantasia, chamado Uma Aventura Celeste.



Sexta-Feira, sete da manhã, Purple acorda, ainda sonolento, Purple lentamente abre sua cortina, e se deparando com um céu nublado, parecia ser um dia chuvoso, enquanto se arrumava e tomava seu café da manhã, um sonho recorrente vinha em sua mente, era um sonho estranho, mas de alguma forma, aconchegante, no sonho Purple sai do trabalho, e decide ir para um bar que fica perto de seu trabalho, aquilo é algo rotineiro para Purple, toda sexta ele tem esse costume, porém, nesse sonho Purple conhece uma garota, embora não consiga se lembrar de seu rosto, ou apenas não consiga imaginar algum rosto para aquela mulher, ele apenas se lembra de seu cabelo, curto e um tom amarelado, e seu vestido branco. Purple decide deixar de lado esse sonho novamente, e vai para o seu trabalho, lá havia uma mulher, que diferente da de seus sonhos, ele tinha certeza de como ela é, ele tinha uma admiração por ela, por mais que nunca havia juntado coragem e chama-la para sair, ou manter uma longa conversa, ele sempre se dava desculpas como:

— Ela é minha superior, não teria como eu simplesmente chegar nela com esse intuito.

Claro Purple não estava totalmente errado, mas muito dessa falta de atitude vinha pelo jeito de sua Superiora, ela tinha uma expressão fechada, parecia ser uma pessoa muito séria com trabalho, fazendo jus ao seu cargo, isso afastava alguns possíveis pretendes que ela poderia encontrar no ambiente que mais ficava.

Porém, hoje é diferente, Purple toma alguma coragem e decide chama-la para beber no final do expediente, ansioso, contando cada minuto finalmente chega o tão aguardado fim do expediente, Purple se aproxima dela, e a chama, tentando puxar algum assunto antes de chama-la, ele se embola nas palavras, e quando olha para o rosto dela, ele trava de vez, e um silêncio ecoa dos dois, sua superior percebe aquela situação, e instintivamente apenas o rejeita, de forma que parecia fazer desdenho da atitude de Purple.

Desolado Purple vai para o bar perto de seu trabalho, chegando perto, uma fina chuva começa a cair, percebendo isso ele acelera os passos para não se molhar muito.

— Por favor, um copo daquele whisky de sempre!

O bartender já o conhecia muito bem, pela sua rotina de todas as sextas passar por lá, e então o serve. Enquanto bebe, cabisbaixo continuar pensando no acabará de fazer,

quando escuta uma voz feminina no seu lado, pedindo o mesmo whisky que ele, por curiosidade decide olhar, e pensa nunca ter a visto por ali, mas de alguma forma, era familiar, uma moça de cabelos amarelados, olhos caídos e frios, vestindo seu vestido branco, em seus lábios, um batom com um tom também amarelo. Purple logo a assemelha a aquela garota de seus sonhos, tomando alguma coragem, com a ajuda do álcool, Purple diz um oi, e emenda dizendo que nunca havia a visto ali, a moça o olha de cima com a cabeça em pé, e diz com um tom sereno e sério.

— Realmente é minha primeira vez aqui.

Olhando-a de baixo para cima, Purple nota um pequeno sorriso no rosto daquela mulher, e decide se apresentar como Purple, e pergunta o nome daquela moça, que responde.

— Jaune, é um prazer conhecê-lo

Quando Jaune diz seu nome, a chuva se intensificou, ao ponto de poder se ouvida mesmo de dentro daquele bar, que estava todo fechado, olhando para fora, Purple nota aquela chuva, e fica um tempo admirando aquilo, perdido em seu mundo.

Jaune pergunta se ele gosta tanto assim da chuva, que a responde dizendo que não sabe ao certo, mas é algo que o conforta, sorrindo Jaune diz que compreende o que quis dizer, falando que sente o mesmo. Depois de mais algumas doses, e sem sinal daquela chuva parar tão cedo, Purple decide ir embora enquanto ainda estava cedo, despedindo-se de Jaune, ele decide pedir seu número. Jaune parecia hesitar por um momento, mas no final cede, dando seu contato para Purple, que no momento em que a adiciona aquela chuva piora mais ainda, tomado pela pressa, rapidamente se despede de Jaune, e vai para sua casa.

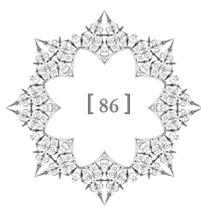
Chegando em sua casa, apenas toma um banho e cai de sono em sua cama, sonhando novamente com aquela garota, porém, dessa vez, ela tinha um rosto, Purple a reconhece como Jaune, e logo acorda na manhã seguinte, e de novo, uma manhã nublada e fria, lembrando de ter pego o contato de Jaune na noite passada, decide mandar alguma mensagem, e enquanto espera a resposta bebe seu café olhando pela varanda de seu apartamento, quando seu celular toca, e olhando para a notificação, Purple vê uma mensagem de Jaune, e decide responder, enquanto fecha a porta da varanda por ter começado a chover.

Trocando mensagens diariamente com Jaune, os dois pareciam ser feitos um para o outro, dias se passaram, com isso algumas semanas e depois meses. No noticiário saía uma notícia dizendo que a região estava batendo recordes de chuvas nos últimos dias. Purple decide convidar Jaune para um encontro no fim de semana, e quando Jaune responde sua mensagem dizendo que aceita o convite, Purple não conseguia conter tanta emoção, com um sorriso que era impossível de se esconder, ele pensa em Jaune, e como os dois se dão bem, e como aquilo era coisa do destino, no seu grupo de amigos, Purple comenta sobre Jaune, dizendo e explicando toda a história, seus amigos ficaram felizes por ele, e então Purple decide mostrar uma foto de Jaune aos seus amigos, e no momento que ele mostra a foto do contato dela para eles, espantados e sem saber como reagir, apenas dão risada, e dizem que espera que os dois se deem muito bem.

Chegado ao dia do seu encontro, os dois chegam ao local combinado, um parque de diversões, e novamente aquela chuva, caía, sem parecer dar alguma trégua, olhando pelo lado bom, o parque estava vazio, havia apenas algumas pessoas além deles, com isso foram para o primeiro brinquedo, uma casa dos horrores, lá dentro ele notava que Jaune não se assustava com nada daquilo, e então decidem ir ao algum brinquedo mais emocionante, e vão para uma montanha-russa, quando estavam se sentando em seus lugares, um cara foi para sentar em cima de Jaune, achando aquilo um absurdo, Purple o repreende, assustado o homem se retira pedindo desculpas. Durante a montanha Russa Purple nota novamente a frieza de Jaune, ela não se assustava com nada daquilo, com medo de ter tido uma ideia de encontro ruim, Purple, decide pagar uma maçã do amor para Jaune.

Chegando ao comerciante do parque, Purple pede por uma, e olha para o lado, dizendo que Jaune poderia escolher qualquer uma, que ele pagaria para ela, enquanto ela escolhia Purple a observava, e o comerciante com um sorriso desconfortável olhava para Purple esperando ele dizer mais alguma coisa, até que Jaune depois de um tempo finalmente escolhe uma, e faz o pedido para o homem, que parece a ignorar, achando aquilo estranho, Purple compara a situação com a de antes, que havia acontecido na montanha-russa, e ignora, e apenas faz o pedido no lugar de Jaune, entregando a maçã em suas mãos os dois vão para em direção a uma roda gigante. Olhando de longe, o homem que havia vendido, ficou observando a situação que acabará de presenciar, enquanto olha para a segunda maçã vendida no chão, sendo tomada pela chuva, e suja com a lama que estava ali.

Purple paga duas entradas para a roda gigante, e quando os dois vão entrar na cabine, aquele outro homem fecha a cerca de proteção impedindo Jaune de se juntar a Purple, que fica paralisado observando Jaune, com seus cabelos amarelados e aquele seu icônico batom amarelo, vestindo uma blusa de frio branca, com uma expressão melancólica olhando para ele, e com aquele sorriso calmo, enquanto aquela chuva forte, caía sobre a cobertura de onde Jaune estava, Purple foi subindo enquanto reparava em Jaune, quanto mais Purple subia, mais a chuva se acalmava. Foi então que Purple notou Jaune lentamente desaparecer, ficando transparente, e na medida com que isso acontecia, a chuva acompanhava a ida de Jaune, indo embora, junto dela. Perplexo Purple só pode observar aquilo de longe, entendendo o que estava acontecendo, e ligando os pontos, lentamente, lágrimas escorriam de seu rosto, enquanto apoiava suas costas e olhava para cima, seus olhos lacrimejados brilhavam com aquelas luzes coloridas do parque, observando de longe, as poças de água que se formaram na lama, Purple se recordava de tudo que havia passado com Jaune, percebendo que em todo momento, ele sempre esteve sozinho.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI